



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

HELENITA MARIA TEIXEIRA MARQUES MARTINS

**TURISMO E PRÁTICAS ARTESANAIS. EFEITOS DA EXPANSÃO TURÍSTICA
NAS PRÁTICAS ARTESANAIS EM JERICOACOARA- CEARÁ**

**FORTALEZA
2019**

HELENITA MARIA TEIXEIRA MARQUES MARTINS

TURISMO E PRÁTICAS ARTESANAIS. EFEITOS DA EXPANSÃO TURÍSTICA NAS
PRÁTICAS ARTESANAIS EM JERICOACOARA- CEARÁ

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

^a

Orientador: Prof^a. Dr.^a Lea Carvalho Rodrigues.

FORTALEZA

2019

Página reservada para ficha catalográfica que deve ser confeccionada após apresentação e alterações sugeridas pela banca examinadora.

Para solicitar a ficha catalográfica de seu trabalho, acesse o site:

www.biblioteca.ufc.br, clique no banner Catalogação na Publicação (Solicitação de ficha catalográfica)

HELENITA MARIA TEIXEIRA MARQUES MARTINS

TURISMO E PRÁTICAS ARTESANAIS. EFEITOS DA EXPANSÃO TURÍSTICA NAS
PRÁTICAS ARTESANAIS EM JERICOACOARA- CEARÁ

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof^a. Dr.^a Lea Carvalho Rodrigues.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Lea Carvalho Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Prof. Dr. XXXXXXXXXXX XXXXXXXX
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Prof. Dr. XXXXXXXXXXX XXXXXXXX

A Deus.

As Marias da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Este é um dos momentos mais agradáveis da escrita de uma produção acadêmica. A palavra que define esse êxito e que ofereço a todos que fizeram parte da minha trajetória acadêmica no curso de Ciências sociais é a resiliência, pois ao ser resiliente nesta caminhada resinifiquei muitos empecilhos que encontrei ao longo da escrita, da minha vida. Alcancei, e percebi que a condição de estar sozinho em qualquer empreitada que realizamos é uma escolha. Eu escolhi ter pessoas ao meu lado, em todo o trajeto, em cada página realizada e cada conquista nesta etapa.

A Prof. Dr. Lea Carvalho Rodrigues, pela excelente orientação e apoio nesta trajetória acadêmica, pela amizade e por não desistir de mim.

As professoras participantes da banca examinadora e demais professores que contribuíram na minha formação ao longo do curso de Ciências Sociais.

Ao professor Gustavo Marín pelas contribuições e conselhos que me auxiliaram neste trabalho

A minha família de mulheres valentes, minha mãe Maria e irmãs Nelita, Denise e Izabel que me apoiaram em toda essa caminhada,

As minhas amigas e amigos que caminharam ao meu lado: Fabiana, Taciane, Michelly, Neivânia, Luciana, Carla, Willian que acreditaram em mim e pelo dias a dia que estiveram ao meu lado,

Ao Bruno pelo companheirismo e pela força que me fez continuar

A todas as mulheres crocheteiras, que me receberam em suas vidas, que compartilharam comigo esta linda experiência de ser mulher e ser artesã.

RESUMO

Esta pesquisa é a percepção das implicações da expansão turística sobre as práticas artesanais de mulheres artesãs de crochê, conhecidas como crocheteiras na vila de Jericoacoara, localizada no município de Jijoca de Jericoacoara no estado do Ceará. Os dados apresentados foram coletados por meio de uma pesquisa de base qualitativa na qual foram realizadas entrevistas com representantes de categorias a seguir: moradores da localidade, representantes de instituições governamentais e artesãs de crochê. Para um entendimento amplo da questão, realiza-se um levantamento teórico e documental que expõe os ciclos produtivos na vila desde o século XVI até o ano de 2019. Neste levantamento estão as atividades econômicas desenvolvidas na localidade: a pesca, a agricultura de subsistência, o turismo (serviços e bens de consumo) e o artesanato de crochê. O debate teórico é realizado por meio dos aportes da Antropologia do Turismo e a relação de mulheres em contexto de trabalho, na categoria de artesanato (SENNETT, 2009). Mostra-se que o cotidiano das artesãs está em constantes transformações nas formas de produzir e comercializar seus produtos, este fato é consequência de regras e ordenamentos que são efeitos da dinâmica do desenvolvimento do fluxo turístico em Jericoacoara.

Palavras-chave: Turismo; Artesanato; mulheres artesãs; Jericoacoara.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|------------|
| Figura 1 – Mapa de Jericoacoara | 155 |
| Figura 2 – Mapa da rua da Igreja e do Forró | 17 |
| Figura 3 – Mapa da rua principal e São Francisco..... | 18 |
| Figura 4 - Mapa Extensão da Praia | 19 |
| Figura 5 – Fotografia de peças de crochê | 56 |
| Figura 6 – Fotografia artesãs na Rua Principal..... | 59 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 INSERÇÃO NO CAMPO..... | 14 |
| 2. A ANTROPOLOGIA DO TURISMO E O OLHAR SOBRE O CASO JERICOACOARA..... | 21 |
| 3 DE VILA DE PESCADORES A POLO TURÍSTICO INTERNACIONAL..... | 29 |
| 3.1 – Breve Histórico da Vila de Jericoacoara | 29 |
| 3.2 O ciclo da pesca em Jericoacoara | 32 |
| 3.3 Vila de Jericoacoara, Turismo e processos produtivos | 37 |
| 4. TURISMO E TRANSFORMAÇÕES NA LOCALIDADE | 42 |
| 5. O PROCESSO DE MUDANÇAS EM JERICOACOARA VISTO A PARTIR DO TRABALHO ARTESANAL: AS CROCHETEIRAS DE JERICOACOARA | 50 |
| 5.1 O artesanato e a mulher artesã | 50 |
| 5.2 O artesanato e sua importância para o Turismo | 53 |
| 5.3 Ser crocheteira de Jericoacoara: percursos, aprendizados e técnicas | 55 |
| 5.4 O turismo e as mudanças na rotina das crocheteiras | 68 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 75 |
| ANEXO A – MAPA COMPLETO JERICOACOARA | 81 |

INTRODUÇÃO

Esta monografia objetiva compreender como os efeitos do turismo, um fenômeno social de grande importância no contexto atual, podem influenciar e transformar as práticas artesanais das artesãs de crochê na Vila de Jericoacoara- Ceará, que são conhecidas como crocheteiras. Esta pesquisa é resultado de um período de pesquisa que vai de 2017 a 2019, no qual atuei como bolsista do projeto: “Turismo em Parques Nacionais: estudo etnográfico em Jericoacoara – Ceará, Tensões e conflitos nas áreas de preservação ambiental”, coordenado pela professora Lea Carvalho Rodrigues e que está entre as atividades de pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos da Cidade- LEC.

Os dados de pesquisa são resultado de algumas viagens que fiz a Jericoacoara, realizando entrevistas e observações tanto com as artesãs como também entrevistas com representantes de categorias do comércio e da gestão municipal. Um fato importante na contribuição de dados para essa pesquisa foi a minha participação como assistente de pesquisa no projeto do professor Gustavo Marín Guardado, do Centro de Investigación y Estudios Superiores em Antropología Social- CIESAS, México. O professor esteve no período de Fevereiro e Março de 2019 realizando coleta de dados em Jericoacoara, por meio de uma parceria entre o Laboratório de Estudos da Cidade da Universidade Federal do Ceará e a Universidade de Brasília – UNB, onde atua como professor visitante atualmente. Pude, então, durante os dias em que estive participando como assistente de pesquisa desse projeto do professor Gustavo Marín, refletir sobre aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos da vila de Jericoacoara, com uma visão mais ampla. Algumas das entrevistas de que me valho nas discussões que trago nesta monografia foram colhidas em dias dessa pesquisa.

Nas entrevistas qualitativas e observações em campo durante os dias de investigação, entre estas ações, identifiquei que as artesãs de crochê estavam em diversos pontos da vila, ora em calçadas de lojas, ora caminhando com seus produtos artesanais nos braços pela extensão de praias do local. Assim, ao abordar algumas dessas mulheres e conversar sobre a organização delas na comercialização do artesanato na vila, percebi pelos relatos que elas estavam sempre falando das condições de acesso à vila, dos processos de produção artesanal, dos modos de organização da categoria em associações, do uso dos

espaços e das dificuldades no cotidiano das mesmas.

Portanto, é relevante perceber, diante do exposto acima e com base no entendimento de Roberto Cardoso de Oliveira (1996), que observar o campo de pesquisa, saber ouvir e identificar os agentes que ali atuam e transformar esses dois aspectos em escrita, são processos do fazer antropológico. Pretendo, assim, compreender como as relações dessas mulheres e os aspectos culturais presentes nas práticas artesanais são perpassados pelas questões sociais, econômicas, culturais e políticas que envolvem a expansão turística na vila e os impasses gerados a partir disto.

Esta pesquisa, para mim, é parte de uma etapa em que estive em um processo de elaboração da observação como um artesanato intelectual (C. WRIGHT MILLS, 2009), pois galguei etapas que foram imprescindíveis na minha percepção dos acontecimentos e na maneira que a análise se encaminhava. Esta monografia se entrecruza com a minha vida, tendo em vista que escrever sobre mulheres artesãs em seus cotidianos e em sua busca de lograr êxito na comercialização com os turistas, me trouxe recordações da minha infância, quando minha mãe – também artesã - vendia seus produtos na feirinha da avenida Beira Mar, área de grande fluxo turístico em Fortaleza. A rotina de uma artesã que comercializa para turistas é composta de muitas jornadas: ela produz seus produtos em meio à criação dos filhos, tem que realizar afazeres domésticos e, além disso, realiza o percurso de sua casa aos locais de venda, por vezes com os filhos ao lado. Estas situações descritas são parte de uma luta diária e realidade das crocheteiras em Jericoacoara.

Ademais, apresento pontos importantes na construção socioespacial da vila de Jericoacoara, situada no município de Jijoca de Jericoacoara, abarcando dados que remontam ao século XVI. Analisarei, me valendo desde registros históricos que obtive por meio de levantamento bibliográfico e pesquisa documental sobre a ocupação do território, até dados recentes coletados em pesquisa de metodologia qualitativa no período de 2017 a 2019. Com este propósito, realizarei a exposição de dados em que faço o esforço metodológico de traçar acontecimentos e eventos que marcam os processos sociais, culturais, políticos e econômicos da comunidade da vila de Jericoacoara. Primeiramente situarei o local de estudo e em seguida apresentarei obras e trabalhos teóricos sobre a vila, que embasam a importância desta pesquisa.

O município de Jijoca de Jericoacoara está localizado no extremo Oeste

do litoral do estado do Ceará, a cerca de 310 km da capital Fortaleza, também caracterizado por estar entre dois rios: Acaraú e Coreaú. Segundo dados do IBGE do último censo do ano de 2010, o município de Jijoca de Jericoacoara possui uma população de 17.002 habitantes e uma área de 204.793 km². A estimativa populacional para o ano de 2018 era de 19.587 habitantes.

A vila de Jericoacoara encontra-se a uma distância de 18 quilômetros do município de Jijoca de Jericoacoara e para realizar este percurso é necessário ultrapassar dunas, vegetação rasteira e lagoas do Parque Nacional de Jericoacoara - Parna. Atualmente, existem três acessos regulamentados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Dentre estes acessos, um é realizado pela costa litorânea, nomeada de Praia do Preá, localizada no município de Cruz, CE. Ademais, outro acesso intitulado "Rota do Guriú", é muito utilizado pelos moradores e trabalhadores da localidade de Guriú e é pertencente ao município de Camocim, situando-se do lado oposto a praia do Preá (a Oeste da Vila). Por meio deste acesso, é perceptível o fluxo de transeuntes que fazem o percurso caminhando pela praia, para trabalhar e comercializar na vila. Por fim, a terceira rota é conhecida como "trajeto da Lagoa Grande", e é utilizada cotidianamente pelos caminhoneteiros que trafegam com turistas recém-chegados a Jijoca.

No que diz respeito às atividades econômicas nas décadas de 1960 a 1970, predominavam a pesca e a agricultura de subsistência. Atualmente, segundo dados do site institucional da prefeitura de Jijoca¹ e do site do Ministério do Turismo², a principal atividade econômica exercida é o turismo e serviços a este relacionados, gerando um crescimento que envolve também os municípios adjacentes, como Cruz e Camocim. Além disso, com a inclusão de Jericoacoara no plano governamental Rota das Emoções³, a localidade tem visibilidade em três estados que também possuem destinos turísticos, criando assim uma rede produtiva e propulsora de crescimento para a comunidade.

Diante disso, a estrutura dos capítulos está ordenada no esforço de uma ordem cronológica dos acontecimentos. Primeiramente, apresento minha inserção

¹ Ver: <https://www.jijocadejericoacoara.ce.gov.br/omunicipio.php> Consultado em:26.06.19 às 21:30h.

² Ver: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/10670-jericoacoara-atinge-o-topo-do-turismo-nacional.html>. Consultado em 26.06.19 às 21:35.

³ De acordo com dados coletados no site do Ministério do Turismo, o projeto *Rota das Emoções* envolve 14 cidades de três estados: Ceará, Piauí e Maranhão. Este projeto tem o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Ver Rodrigues (2015). Vale destacar que a presente pesquisa forma parte de um projeto maior sobre o *Rota das Emoções* (Rodrigues, 2008)

em campo e descrevo as ruas e minuciosidades que encontrei. Em segundo lugar, realizo uma discussão teórica sobre o Turismo a partir da Antropologia. Em terceiro, relato os fatos que demarcam o contexto histórico e econômico – dentro destes: os ciclos econômicos como a atividade de pesca, os serviços relacionados ao turismo e o artesanato como parte deste último. O quarto capítulo, apresenta as transformações e conflitos existentes em Jericoacoara atualmente e o quinto e último capítulo, discorre sobre o artesanato e as mulheres artesãs (crocheteiras) em relação aos percursos, as técnicas de produção, as relações familiares e o cotidiano dessas mulheres, que está em constante mudança.

1 INSERÇÃO NO CAMPO

Descrever a vila de Jericoacoara é também descrever como cheguei a este local e os acontecimentos que observei são imprescindíveis para a compreensão desta localidade

Na primeira ida ao campo, em 2017, o percurso de viagem durou seis horas até chegar à vila de Jericoacoara. Por toda a estrada tem sinalizações de trânsito orientando a distância até Jericoacoara. Nessa primeira visita fui com a equipe de pesquisa de um projeto no qual eu atuava como bolsista⁴. Desta forma, chegamos a Jijoca de Jericoacoara e fomos encaminhadas à condução, uma caminhonete de marca Hilux, para chegar até a vila. Durante o caminho, pareceu-me que a estrada que possibilita o percurso de 18 quilômetros, que vai do município de Jijoca de Jericoacoara até a vila, assemelha-se a cidades típicas do sertão do estado do Ceará, em todo o trecho que passa por bairros com casas até chegar ao limite com o Parque Nacional de Jericoacoara⁵. Como estava visitando a localidade pela primeira vez, ao ouvir a professora orientadora e coordenadora do projeto relatar sobre as mudanças estruturais que vinham ocorrendo em Jijoca de Jericoacoara, em relação a sua vinda anterior, fiquei curiosa sobre como o lugar era anteriormente.

⁴ Atuei como bolsista no projeto: *Turismo em Parques Nacionais: estudo etnográfico em Jericoacoara, Ceará. Tensões e conflitos nas áreas de preservação ambiental*, no período de 2017 a 2019, orientado pela Professora Lea Carvalho Rodrigues; projeto vinculado ao Laboratório de Estudos da Cidade da Universidade Federal do Ceará, como apresentado na introdução desta monografia.

⁵ Conforme dados do ICMBio “O Parque Nacional (Parna) de Jericoacoara, no estado do Ceará, foi criado em fevereiro de 2002, com área de 8.416 hectares, a partir da recategorização parcial da Área de Proteção Ambiental criada em 1984, e da redefinição de seus limites em junho de 2007. Foram ajustados os limites referentes à localização da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) da Vila de Jericoacoara e os limites sul e oeste do parque, ampliando a área para 8.850 hectares, incluindo também uma faixa marítima com um quilômetro de largura, paralela à linha costeira” Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/190-parque-nacional-de-gericoacoara.html>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

Figura 1 – Mapa de Jericoacoara



Fonte: ICMBio.

O trajeto pelo parque (Parna) me pareceu tranquilo, pois devido à areia compactada a caminhonete não agitava tanto. Ao chegar à vila, a caminhonete desembarcou os passageiros em portas de suas pousadas, nossa equipe chega ao local de estadia, localizado na Rua do Forró (ver figura p 17). Descrevo a vila a partir da caminhada que realizei pelas ruas nessas vivências.

No aspecto geral, as ruas me lembraram da paisagem de uma feira popular de centro urbano. A estrutura de estabelecimentos e serviços ali possui diversidade de lojas, mas também se vê vendedores ambulantes por todos os lugares. As longas ruas, todas estão interligadas por becos que são corredores estreitos. Alguns desses corredores possuem bloqueios para carros permitindo somente a passagem de pedestres. Ao caminhar pela Rua Principal (ver figura, p. 18), avistei uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais colocando suas mesas, cadeiras nas calçadas. Os restaurantes ao fazer isto, praticamente tomam o espaço de acesso de pedestres, pois as ruas são estreitas, e em alguns desses espaços a passagem fica menor. E ao fim da tarde, percebi muitos turistas caminhando em direção a Duna do pôr do sol para assistir o entardecer. Assim, o

espaço de passagem de pedestres nas ruas começa a ser ocupado ou por mesas e cadeiras de restaurantes ou por vendedores ambulantes e, quando anoitece, intensifica-se o uso desses espaços.

Continuando as observações sobre o lugar, em vários locais por onde caminhamos é possível ver quiosques de vendas de passeios. Estes são passeios turísticos que ocorrem em municípios próximos e também dentro do parque nacional. Ao comprar estes passeios, o turista o faz direto do caminhoneteiro⁶. O negociante, caminhoneteiro, informa que irá buscar o turista na porta de sua pousada ou hotel e ao final do passeio leva-os de volta a sua acomodação.

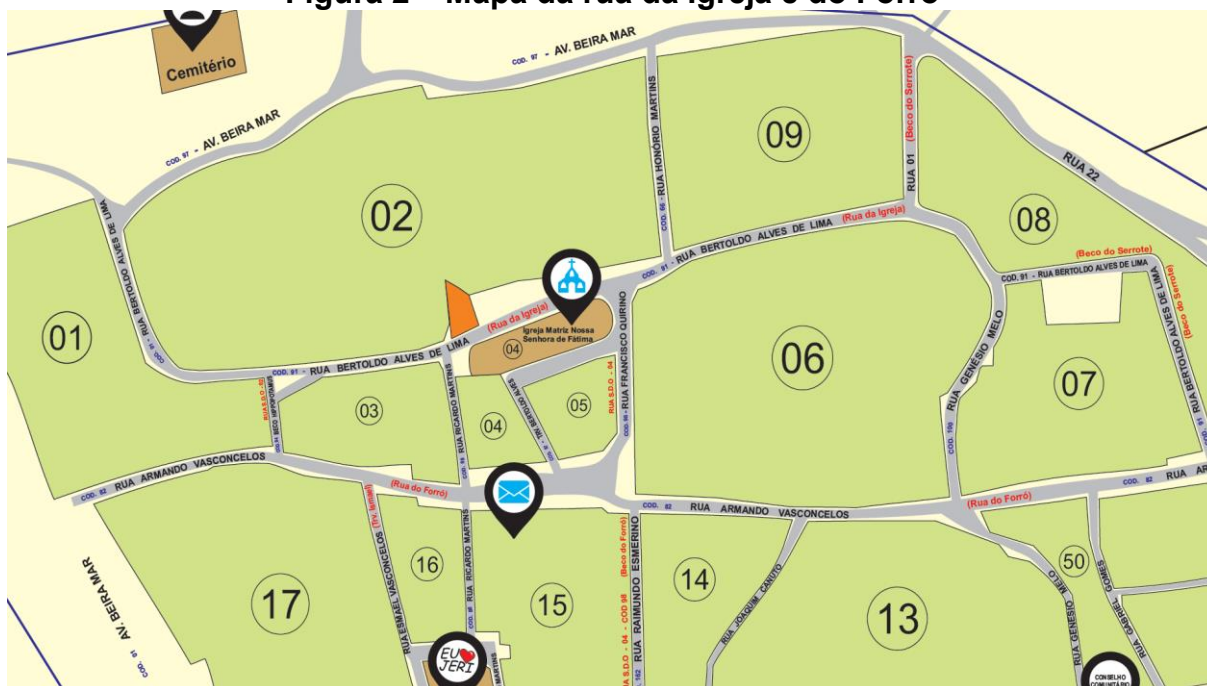
Inicialmente, isso me pareceu uma comodidade na oferta do serviço, mas após alguns dias percebi as consequências prejudiciais dessa comodidade ao transitar pelas ruas da vila. Por várias vezes, ao caminhar, somos interrompidos por caminhonetes circulando constantemente, causando incômodo e riscos de acidente envolvendo pedestres. Ou seja, as ruas na vila de Jericoacoara são objeto de disputa por caminhonetes, buggys, vendedores, entre outros serviços, como cavalos e charretes, e é um fluxo contínuo no qual o turista transeunte é o alvo⁷.

Até aqui, trouxe a percepção da primeira viagem, a partir desse primeiro contato com Jericoacoara, defino meu recorte empírico, as práticas artesanais, que é relatado com detalhes no capítulo 5. Algumas considerações analíticas do espaço nessa primeira descrição são fruto da minha participação no projeto de pesquisa e de dados coletados durante esses dias. No ano de 2018 realizei duas viagens com o objetivo de alcançar maior propriedade pelo objeto escolhido. E na estadia realizada nos meses de fevereiro e março de 2019, pude conhecer melhor as organizações de ruas e locais que concentram o maior fluxo turístico. A seguir descrevo aspectos peculiares para entendimento das ocupações e dos ordenamentos nesses espaços.

⁶ Caminhoneteiros são os motoristas das caminhonetes, de tipo tração nas quatro rodas, ou 4x4, que trafegam no sentido Jericoacoara a localidades próximas.

⁷ Durante a realização de entrevistas e dados para o projeto de pesquisa que estava participando, no ano de 2017, tivemos acesso à informação que a gestão municipal do prefeito Lindbergh Martins substituiu algumas conduções, conhecidas como jardineiras, por caminhonetes da marca Hilux. Essas últimas acomodam menos pessoas por viagem e, portanto, exigem mais carros circulando no trajeto de Jijoca a Jericoacoara o que tem consequências negativas para o meio ambiente e para a vila, com o aumento do tráfico de veículos.

Figura 2 – Mapa da rua da Igreja e do Forró



Fonte: Setor Tributário da Prefeitura de Jijoca, 2019⁸.

A Rua da Igreja tem uma peculiaridade: ela não dá acesso à praia principal, mas sim a Praia da Malhada, e a outra saída dá acesso ao Serrote, este é um dos atrativos turísticos do local, de onde também é possível acessar a Pedra Furada. A Pedra é outro atrativo mais popularmente conhecido em Jericoacoara.

A Rua do Forró é paralela à rua da igreja e a rua principal, onde se concentra alguns restaurantes tradicionais, dentre estes, o restaurante que promove o baile de forró. Essa rua dá acesso à praia principal, contudo, é necessário caminhar por meio de uma barraca de bebidas e comidas que ocupa toda essa saída para a praia.

⁸ Modificado para melhor visualização. Ver mapa completo na figura 4.

Figura 3 – Mapa da rua principal e São Francisco



Fonte: Setor Tributário da Prefeitura de Jijoca, 2019⁹.

A rua principal está entre a Rua do Forró e Rua São Francisco. Essa é a mais extensa rua da vila, pois seu alcance é desde a praia principal até os limites do Parque Nacional. Nessa rua concentra-se a praça, as pousadas, os hotéis e os *hostels*, além de estabelecimentos de alimentação, como restaurantes e mercadinhos. Além disso, nessa rua também conheci o prédio da associação de crocheteiras Mundo Jeri. As artesãs de crochê são facilmente vistas circulando próximo ao acesso da praia principal. Nos dias em que estava a percorrer ruas, uma concentração de artesãs estava sentada aos arredores de uma árvore que fica logo depois da praça principal e dos bloqueios de carros¹⁰, no sentido da saída de acesso à praia.

Seguindo na descrição dos espaços, a Rua São Francisco está localizada entre a Rua Principal e Rua das Dunas. A Rua São Francisco passou por um reordenamento espacial¹¹ na disposição de vendedores ambulantes, que durante a noite, vendem comidas típicas e diversas. A concentração de caminhonetes fica

⁹ Modificado para melhor visualização. Ver mapa completo na figura 4.

¹⁰ São anéis de concreto dispostos lado a lado criando uma barreira de passagens para veículos, mesmo transportes pequenos como motocicletas não ultrapassam, que estão bem próximos ao limite da praça no sentido praia principal, e também são vistos na entrada de alguns becos.

¹¹ No capítulo 3 apresento as transformações ocorridas com as mudanças ocasionadas pelo turismo e discuto este reordenamento dos espaços.

disposta em fila, próximo aos restaurantes durante o dia. Essa fila de caminhonetes foi determinada pela gestão municipal vigente¹².

Figura 4 - Mapa Extensão da Praia¹³



Fonte: Setor Tributário da Prefeitura de Jijoca, 2019

Continuando a descrição da vila, a costa litorânea de Jericoacoara é repleta de serviços e trabalhadores por toda sua extensão, tanto no sentido Praia da Malhada, quanto seguindo até o limite do Parna. É possível encontrar próximo à entrada da rua do Forró alguns quiosques que ficam à beira-mar, com pranchas de surf. Esses equipamentos pertencem às escolas de windsurfe. Seguindo pela praia, próximo ao acesso para a rua principal, estavam armadas as barracas de bebidas

¹² Atualmente o prefeito de Jijoca de Jericoacoara, Lindbergh Martins, eleito em 2017. A gestão tem promovido alterações legais que, segundo dados em site institucional, são necessários para o ordenamento da vila. Quando perguntei aos caminhoneteiros sobre o motivo dessa forma de organização, o que obtive como resposta é que esta disposição de caminhonetes permite que cada caminhoneteiro tenha a sua vez para transportar os turistas.

¹³ Este mapa trata-se de um mapeamento do setor tributário da Prefeitura de Jijoca. As numerações que estão sobre as quadras é uma legenda própria do setor.

alcoólicas, coquetéis e bebidas regionais.

Ainda é possível observar, durante os fins de tarde um grupo de capoeiristas que realizam suas atividades, bem próximo às barracas de bebidas. Seguindo no sentido Parna, podemos ver em torno de 6 a 8 canoas espalhadas por essa parte da costa. Essas ficam na faixa litorânea que está entre o hotel Essenza (um hotel com estrutura de luxo onde é possível avistar que cada quarto possui uma piscina privativa, essa é uma das imagens que ao caminhar pela praia não há como ignorar) e a Pesqueira (local onde os pescadores guardam seus materiais de trabalho e também tratam o peixe).

Por fim, logo após o lugar das canoas avistamos a Duna do pôr do sol, onde ao entardecer vários turistas caminham para ela e, como o próprio nome define, essa duna tornou-se um atrativo turístico devido o ritual diário de pessoas que escalam para aguardar e assistir quando sol se põe, originando assim uma linda paisagem.

Neste momento da inserção em campo, localizar os espaços e as disposições em cada trecho é realizado no intuito de compreender os caminhos que tracei durante a pesquisa.

2. A ANTROPOLOGIA DO TURISMO E O OLHAR SOBRE O CASO JERICOACOARA

Para iniciar os aportes teóricos que contribuem para pensar a antropologia do turismo, pretendo analisar o caso de Jericoacoara a partir dos estudos sobre turismo, e para tal apresento as concepções referidas pela Antropologia do Turismo. Principiarei abordando o sentido de Transnacionalidade relatada por Ulf Hannerz (1996), e ponderando entender sobre as interações que surgem com o advento da globalização e são a base para compreender os lugares que passam a ser mercadorias e objetos de desejo. O autor afirma que:

Las distancias y las fronteras no son lo que solían ser [...] vivimos en una época en que las conexiones transnacionales son cada vez más variadas y más penetrantes, con mayores o menores consecuencias para la vida humana y para la cultura. (HANNERZ, 1996, p.17).

O autor busca entender as relações entre as pequenas localidades com as interconexões globais. Ele se apropria do termo Ecúmene Global para explicar os processos em que se entrecruzam as práticas culturais distintas, rompendo com os limites geográficos. Considera também que as relações sociais no mundo contemporâneo e globalizado são estabelecidas por meio de redes de relacionamentos que ultrapassam limites físicos, visto que estão no âmbito dos significados e interações. Afirma ainda que, diante das relações contemporâneas que estão baseadas em combinações de inúmeras culturas, não há como pensar em culturas fragmentadas.

La medida que las personas se desplazan con sus significados y la medida que los significados encuentran formas de desplazarse aunque las personas no se muevan, los territorios ya no pueden ser contenedores de una cultura. Incluso se aceptarnos que la cultura se adquiere y se organiza socialmente, suponer que se distribuye de forma homogénea dentro de una colectividad se convierte en algo problemático cuando vemos las diferentes experiencias y biografías de sus miembros. (HANNERZ, 1996, p.24).

É interessante discorrer sobre as mudanças produzidas em Jericoacoara, onde ocorrem as interações sociais e culturais de moradores e turistas na vila. Igualmente, é interessante pensar a reconfiguração local, realizada por moradores estrangeiros que comporão a vila ao longo dos anos, desde 1990 até recentemente. Esses moradores estrangeiros que detém atualmente grande parcela da

representação de estabelecimentos comerciais na vila¹⁴, são os precursores da diversidade de ofertas de ambientes na localidade. Ao andar pelas ruas de maior fluxo comercial: Rua principal, Rua do forró e Rua São Francisco são perceptíveis a variedade gastronômica, assim como lojas com artefatos estrangeiros.

Outra característica notável dos entrecruzamentos de diversas nacionalidades é a presença de hippies em Jericoacoara que expõem produtos diversos, artigos e adereços como colares, anéis, brincos, além de produtos místicos, entre outros. Os hippies que frequentam a vila variam entre os que são locais e estão cotidianamente na vila (moradores fixos) e os visitantes de distintos países (transeuntes). Essa mistura de culturas e pessoas torna Jericoacoara um lugar multicultural que, segundo Hannerz (1996), denomina-se Ecúmene global. Além da transitoriedade de pessoas que movimentam uma constante procura de imóveis no local, deve-se entender que o cotidiano da vila se transforma ao longo do tempo ao passo que o turismo se desenvolve enquanto atividade econômica. Outra importante observação do autor é a noção de cultura definida como: “significados y formas significativas a lo que damos forma y que adquirimos através de la vida social” (1996, p.24).

Compreendendo que a cultura é uma junção de significados e formas significativas, o autor analisa por meio da linguagem, das trocas de histórias e das lembranças familiares, como se forma uma continuidade cultural devido às interações. As relações sociais nos lugares diversos são fruto de inúmeras culturas distintas que transformam e reconfiguram um lugar físico e geográfico limitado em um lugar de interações culturais mundiais sem limites. Segundo o autor:

De que manera podemos captar mejor el carácter de esas culturas contemporáneas que se han formado totalmente a partir de la conjunción de culturas históricamente separadas, bajo circunstancias de desigualdade em estructuras centro-periferia. Lo que defiende es que la comprensión del mestizaje a partir de la sociolingüística nos lleva mucho más allá que cualquier otra de las metáforas en uso, pero también que hemos de examinar detenidamente la interacción entre el estado, el mercado y las formas de vida para comprender como llega a cobrar vida un continuum cultural internamente variado (HANNERZ, 1996, p.26).

¹⁴ De acordo com levantamento de estabelecimentos comerciais que foram quantificados por Freire (2015) grande parcelas de estabelecimentos na vila pertencem a estrangeiros moradores e brasileiros de outros estados, concluindo a autora que a representação de nativos nos comércios é de pouca representatividade.

Ao tratar sobre o local e o global como principio de continuidades e mudanças, Hannerz afirma que: “En casi todas las partes las personas pueden tener experiencias y relaciones que las vinculan a lugares situados en otros países y en otros continentes”. (HANNERZ, 1996, p. 33). Para o autor, as pessoas carregam consigo os significados dos locais onde vivem e onde internalizaram seus hábitos e rotinas. Então, é por meio da facilidade de mobilidades no mundo que a globalização acontece bem como as interações de significados culturais e as misturas (que para o autor são tanto física, através de consumo de produtos de origens diversas e relações com outros de diversos lugares face a face, quanto também à possibilidade de acesso por redes de comunicação que permitem vínculos de diferentes lugares no mundo).

Para Hannerz (1996) carregar os significados do local de origem e então estar em lugares distintos é também uma busca em reconhecer nestes lugares o que é “familiar”, partindo do entendimento que quando se tem na memória as práticas culturais e significados de origem, o indivíduo transforma-se e interage nesse processo de mudanças. O autor relata ainda que as pessoas são carregadas de significados e ao entrar em contato com diversas culturas pela globalização, transformam e misturam as culturas, gerando o que ele nomeia de ecúmene global.

Pero lo que para mí es un indicio indubitable de una mayor interconexión es que muchos de nosotros, en nuestros propios hábitats de significado, hemos experimentado personalmente una mayor participación en ella. Lo que ocurría antes es que podíamos vivir sin conocer el conjunto del inventario cultural del mundo. Ahora, en el ecúmene global, cada uno de nosotros, de algún modo, tiene un mayor acceso; o a la inversa, ese conjunto nos alcanza, y nos plantea exigencias, tanto a nuestra mente como a nuestros sentidos. (HANNERZ, 1996, p.46).

Continuando as questões tratadas por Hannerz; ele fala também sobre o reconhecimento dos locais de origem a partir da comparação da vida cotidiana, rotineira, com as experiências distintas. A vila de Jericoacoara, após o episódio da publicação de um noticiário estrangeiro no The Washington Post, em 1985, torna-se, no decorrer dos anos seguintes, um lugar de transnacionalidade, isto porque é a partir da divulgação mundial, por meio de imagens que falam de um lugar paradisíaco, que a vila transforma-se em fetiche, mercadoria de desejo de turistas de todos os lugares do mundo. E com a frequência de pessoas que passam a conhecer a vila e a constante demanda, ao longo dos anos, o lugar torna-

se polo turístico internacional, além de ser um destino turístico de maior visitação de brasileiros entre os mais procurados no país¹⁵.

Esses turistas têm maneiras distintas de se identificar com Jericoacoara e refletindo neste sentido o autor traz a definição de um *habitat* de significados. Esse conceito exemplifica a realidade social vivenciada na vila no cotidiano, pois uma preponderante característica do local é o caráter transitório, tanto pelo fluxo de visitantes, quanto pelo fluxo de serviços e acontecimentos que estão em constante mudança dentro da vila. Para ele:

Sobre a questão da imagem construída dos lugares turísticos e a mobilidade no mundo após a Segunda guerra mundial (citado anteriormente) que fomentou a prática de realizar turismo no mundo, Marc Augé (2010) em sua obra *Por uma Antropologia da mobilidade*, explicita:

As agências turísticas apresentam seus menus, nos quais todos os países e todas as paisagens alinham-se lado a lado e podem, por outro lado, ser objetivo de visitas virtuais. Essa diversidade espacial absorve a diversidade temporal. (2010, p.69).

O autor discute sobre a emergência do turismo de massa em todos os lugares no mundo, dizendo que esta atividade é também uma classificação social, por que enquanto algumas pessoas de classe média e alta realizam viagens a lugares que consideram exóticos, outras pessoas estão fugindo ou mesmo buscando saída destes mesmos lugares por não haver condições estruturais mínimas de sobrevivência.

Ao refletir sobre Jericoacoara, existe uma mobilidade turística constante, tanto de pessoas buscando usufruir das paisagens naturais e serviços de lazer oferecidos, como também pessoas que estão se deslocando diariamente até a vila com o objetivo de realizar trabalho para o próprio sustento.

Os turistas partem voluntariamente aos países de onde os emigrantes saem de condições difíceis e às vezes em risco de vida. Esses dois movimentos em sentido contrário são um dos símbolos possíveis da globalização liberal que, sabemos, não facilita igualmente todas as formas de circulação. (AUGÉ, 2010, p.73).

O autor realiza uma comparação entre o antropólogo que vai em busca de

¹⁵ Dado coletado no site: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/10670-jericoacoara-atinge-o-topo-do-turismo-nacional.html>. Acesso em 28.06.19, as 02h.

seu campo de pesquisa e o turista que busca um lugar para conhecer. No primeiro momento há pontos em comum, contudo, Marc Augé (2010) esclarece que o turista busca o contentamento e lugares para, após o fim de sua estadia, contar sobre as experiências que viveu. O antropólogo, em contrapartida, realiza observações a partir da primeira estadia, dar início a reflexões sobre o lugar e, em seguida, realiza vários retornos na busca de uma pesquisa que contemple detalhes e significados do seu objetivo.

Fazer uma abordagem teórica sobre turismo através da antropologia é um desafio, pois ao vivenciar a rotina dos trabalhadores na vila e coletar relatos sobre a construção social, econômica e cultural daquela localidade, passei por experiências distintas que permitiram a elaboração de um texto antropológico. Vivenciar o lugar, Jericoacoara, é ir além do vislumbre do lugar paradisíaco e alcançar o ir e vir rotineiro dos indivíduos que compõem a vila e os diversos efeitos deste fluxo constante de pessoas.

Ao relatar sobre o deslocamento da Utopia, quando o sentido de utopia está aqui como o desejo de lugares desconhecidos, Marc Augé (2010) realiza a discussão sobre as cidades do futuro e a disputa dos espaços e estruturas. Os lugares não se limitam mais às tradições e limitações locais, pois as cidades caminham para um modelo global que tornam os espaços cada vez mais semelhantes.

O autor contribui na compreensão da vila de Jericoacoara como um espaço que apresenta estrutura global de turismo massivo, mesmo que ainda haja uma tentativa de preservar a imagem do rústico e natural. As ruas de Jericoacoara são repletas de diversos ambientes, desde hospedagens e lojas que apresentam características da tendência mundial de ambientes montados e encenados para a constante recepção turística, até mesmo locais que apresentam estrutura simples e serviços caracterizados por elementos regionais. Ambos ambientes estão sempre almejando ser os escolhidos pelo turista e estes elementos são os que perpetuam a imagem da vila de pescadores e da Jericoacoara paradisíaca.

Ademais, Marc Augé (2010) também relata essas manutenções de uma paisagem que não existe concretamente, mas que é rememorada por elementos como: a madeira pouco trabalhada, os telhados de palha e as ruas sem calçamento para preservar o “pé na areia” em todos os espaços da vila. Tudo isso, remetendo a uma ilusão e menção do lugar que existe na memória e permanece objeto de desejo

pelos que buscam Jericoacoara. Um trecho interessante citado por Marc Augé é: “A cidade é então uma figura espacial do tempo, onde se conjugam presente, passado e futuro. Ela é, por sua vez, o objetivo da experiência sideral, da lembrança e da expectativa” (2010, p. 89).

A discussão aqui realizada pelo autor sobre a mobilidade é para se entender que alguns contextos históricos mundiais permitiram que ocorressem fluxos e movimentações de indivíduos em busca de conhecer outras realidades e lugares e assim, “Pensar a mobilidade no espaço, mas ser incapaz de concebê-la no tempo, essa é finalmente a característica do pensamento contemporâneo preso na armadilha de uma aceleração que o entorpece e o paralisa”. (2010. p. 102). Então, ele complementa dizendo que as movimentações de indivíduos por diversos lugares são resultado de uma utopia e do desejo de conhecimento e experiências novas, concluindo o pensamento como o trecho: Nós precisamos de utopia, não para sonhar realizá-la, mas para tê-la conosco e nos dar assim os meios de reinventar o cotidiano (AUGÉ, 2010, p. 108).

Partindo para o entendimento de que o turismo como fenômeno mundial transforma culturas em mercadoria, os autores Ángeles Lopez e Gustavo Marín (2010), ao abordar criticamente o “uso do espaço e da cultura para fins de mercantilização e a produção do consumo através do turismo e a construção do exótico”, objetivam compreender as relações que estão articuladas na produção e consumo do turismo, nas quais são definidas a partir de processos globais e expressas em contextos sociais locais. Para eles o turismo é uma indústria produtora de espaços, significados e experiências. E reiteram no trecho a seguir:

Así, el turismo constituye no sólo una de las fuerzas hegemónicas de la economía política capaz de dirigir eficazmente la acción productiva, articulando diversos niveles y órdenes de poder, sino que además, en su carácter de producción cultural, es un proceso hegemónico cultural que genera y alimenta una demanda de consumo de representaciones de lo “otro” y los “otros”, a partir de la imposición de valores y representaciones del mundo propias de las clases medias de Occidente. (LOPEZ; MARÍN, 2010, p. 227).

O texto trata de uma revisão bibliográfica sobre as diversas obras que analisam o turismo e a produção social, cultural, política que este fenômeno estabelece. Os autores realizam algumas observações sobre como os lugares no mundo são transformados em mercadorias para satisfazer os desejos dos transeuntes que os visitam e quais consequências existem nestas formas de

transformação.

O viés principal da perspectiva de mudanças ocasionadas pelo turismo é o âmbito mercantilista e capitalista que impulsiona o consumo exacerbado de bens, serviços, imagens e experiências de todos os tipos. Em um trecho interessante, que sintetiza a crítica realizada sobre os espaços de turismo como mercadorias, os autores explicam as dimensões da mudança social que transforma os espaços turísticos em mercadoria.

Comprendemos la mercantilización del espacio como el proceso mediante el cual se sustraen las relaciones sociales del lugar en términos de experiencia histórica y social (de pertenencia, identidad, cotidianidad, vida material, o sentido sagrado, por ejemplo), para que un lugar y algunos de sus contenidos, pasen a convertirse primordialmente en producto para ser incorporado como mercancía al circuito del mercado cultural. En este sentido, existen dos dimensiones del cambio social que están directamente relacionadas con el turismo y su influencia en el espacio social: 1) por una parte, la industria se apropia de los sentidos culturales, adapta, inventa y produce muchos otros (asunto que tiene que ver con la capacidad de producción simbólica para dirigir la mirada sobre pueblos, ciudades, barrios, paisajes, etcétera); y 2) al mismo tiempo, esta industria requiere del control de los recursos estratégicos, de tal forma que en términos concretos, diversos agentes suelen apropiarse del territorio a través del ejercicio del poder y trastocando formas sociales, sistemas de propiedad, formas de vida, prácticas materiales y subjetividades, todo para control de la industria y satisfacción de los visitantes. (LOPEZ; MARÍN, 2010, p.228).

Para Lopez y Marín (2010), é preponderante considerar as articulações das esferas macroestruturais, que são: as inter-relações entre as políticas culturais amplas e o poder político/econômico com as relações articuladas nas esferas microsociais. Estas últimas são estabelecidas nas convivências e relações a nível local. Para eles “la producción del espacio nos remite no sólo a un proceso de relaciones económicas y de poder, sino al mismo tiempo de nuevas “experiencias de lugar” donde los turistas y los locales viven diferencialmente estos espacios y sus transformaciones” (LOPEZ; MARÍN, 2010, p. 233).

Pensando na vila de Jericoacoara e nas transformações econômicas que ocorreram ao longo dos anos, desde o acontecimento citado no capítulo anterior (no qual Jericoacoara entra na lista de destinos turísticos consagrados), identifica-se como ocorreram transformações nos âmbitos diversos e constatam-se essas configurações sociais e reconfigurações das formas de produção econômica. Jericoacoara é uma vila, que inicialmente é ocupada por pescadores, onde estes constroem espaços de moradia e sobrevivência. Essa ocupação por parte dos

pescadores ocorreu também devido à facilidade geográfica e ambiental da prática de pesca no local.

Durante o período 1960 e 1970, havia poucos moradores e o modo de vida era baseado em subsistência. Hoje, (dados de março de 2019) a vila é uma cidade turística com transformações sociais e espaciais diárias e com problemas estruturais que estão nas pautas das diversas políticas governamentais de turismo. A vila passou a ser uma mercadoria de consumo, pois tem um valor simbólico para o turista que idealiza os ambientes e quer buscar viver as experiências que uma vila de pescadores rústica, e com uma paisagem que recebe o título de paraíso, pode oferecer a seus hóspedes.

Tudo em Jericoacoara é objeto de consumo: desde a areia das ruas até os produtos vendidos, como, por exemplo, os artesanatos de *hippies* e crocheteiras e também os produtos oferecidos pelos vendedores de bebidas e comidas e os artistas de rua. Alguns serviços podem ser considerados de consumo obrigatório, como o acesso à vila por meio do serviço de transporte e o constante trânsito de caminhoneiros pelas ruas oferecendo passeios para os atrativos turísticos, sejam eles dunas, lagoas, Pedra furada, Árvore da preguiça, entre outros. Toda a extensão da vila é uma grande oferta de um produto com personificação de paraíso, experiência única, um roteiro transformado para consumo. Concluo que estes modos de produção, onde Jericoacoara é uma mercadoria, influenciam nas disputas de poder político e social. É em meio a estes conflitos e disputas que estão inseridos os artesãos e artesãs de crochê, meu enfoque principal nesta monografia.

3 DE VILA DE PESCADORES A POLO TURÍSTICO INTERNACIONAL

3.1 – Breve Histórico da Vila de Jericoacoara

A vila de Jericoacoara tem registros de seu surgimento que datam do século XVI. De acordo com a Revista do Instituto Histórico do Ceará, Ano IV (1890), no ano 1666 os indígenas que estavam no território do litoral Oeste do Ceará, eram os Guanacés. A Aldeia de *Jericoaquara*, como no relato se denomina a Vila, é citada pelo capitão mor Mello de Gusmão, quando este envia um grupo em expedição aos territórios do litoral Oeste, até o limite do Maranhão. Diogo de Campo, que era o responsável pela jornada do Maranhão, realizava uma expedição autorizada a fim de tomar as terras, desde a serra de Ibiapaba até as regiões litorâneas e a aldeia de *Jericoaquara*. Os índios que habitavam a aldeia de *Jericoaquara* eram os jaguaruanas com um chefe chamado Maraguim. Ainda em 1666, Felipe Coelho de Moraes, quinze soldados e os índios Jaguaruaras vão até as terras auxiliar Maraguim a manter a ocupação. Contudo, em 1671, nos escritos consta que os Tremembés se rebelam contra o domínio português e se espalham pelo litoral Oeste, ocupando a localidade hoje denominada Jericoacoara.

No levantamento histórico realizado por Josef Georgen (1985)¹⁶, é citada a lei de criação do distrito de Jericoacoara, em 29 de junho de 1923, que neste período está incluso como distrito de Acaraú, cujo prefeito era João Jaime Ferreira Gomes Filho. Isto é apresentado considerando uma década depois do aparecimento das primeiras famílias que repovoam o local, após anos sem registro de movimentação. De acordo com os autores, os registros de ocupações datam do fim do século XVI até o registro de 1628, com escritos de um colonizador chamado Kelian Resenlaer.

Dentre os aspectos históricos elencados na obra, há um esquema de registros de nomes para a localidade em períodos diferentes que foram consequência das tentativas de ocupações e colonização, visto que a região litorânea do Oeste do Ceará era predominantemente território indígena. Em

¹⁶. A obra foi resultado de parcerias entre núcleos de estudos ambientais e universidades. Objetivava justificar teoricamente a instituição legal da Área de Proteção Ambiental (APA), criada um ano antes, 1984. Esta obra sintetiza aspectos: geográficos, históricos, biológicos, dentre outros. Para o objetivo desta monografia, interesse-me pelos aspectos históricos e humanos.

sequência os nomes que constam são: O forte de Nossa Senhora do Rosário em outubro de 1614, por mando de Gaspar de Sousa, que era Governador Geral do Brasil na operação Jornada do Maranhão; em seguida, no ano de 1615, Jericoacoara e Jaracoara; em 1626, Jurucoaquara e Agulhero de tartarugas, remetendo à facilidade com que avistavam a desova desses animais na região.

Sobre os aspectos de relações políticas, o distrito mantinha contatos mais fortes com o município de Camocim, tanto devido às negociações de pesca, quanto à facilidade do tráfego até este local. Relatam os autores que uma atividade que se destacava era a presença do crochê como artesanato local. Contudo, a atividade era voltada aos turistas estrangeiros que aos poucos aumentavam na região. Jericoacoara, em 1985, estava como destaque no turismo do estado e o aumento de fluxo turístico estava modificando as relações culturais, políticas e econômicas do lugar.

Nessa mesma pesquisa, consideram-se, ainda, os dados coletados como uma descrição geral de aspectos socioculturais da época, ponderando dados populacionais coletados em pesquisa. Em 1984 havia 580 habitantes e quase metade eram pessoas na faixa de 0 a 15 anos.

Conforme supracitado, as atividades econômicas eram a pesca (descrita como artesanal pelas técnicas utilizadas: caçoeira, tarrafa, linha de mão e a produção de canoas; a pesca de curral era pouca utilizada) e o artesanato (a produção de materiais de pesca, assim como a produção de redes e varandas de crochês). Há uma descrição sobre as tipologias das casas em Jericoacoara nesse período. Nesta obra as estruturas das casas eram, em sua maioria, construídas de pedras recolhidas do serrote¹⁷, e outras eram de taipa e telhados de palha, como descrito a seguir:

As primeiras, ou seja, as construções originais estão distribuídas em duas ruas principais, as que ficam mais próximo ao serrote. Elas estendem-se em sentido quase retilíneo e são barradas ao norte pelo oceano e ao sul pelo serrote e o cemitério. Das construções mais novas (taipa e palha) algumas estão dispostas no mesmo sentido (norte-sul), formando pequenas ruas. Já a maioria são construídas desordenadamente, ficando dispersas desde o cemitério até a beira da praia. As mais recentes estão sendo construídas em volta das ruas principais, formando um cinturão de casas de palha e taipa.

¹⁷ O Serrote da Pedra furada, é uma formação rochosa que está nos limites do mar e próximo a vila. Geograficamente como Meireles (2011) define “O serrote da Pedra Furada é formado por um conjunto de rochas metamórficas pré-cambrianas (gnaiesses, migmatitos e quartzitos) aflorando em superfície e em parte coberto por sedimentos coluviais e eólicos (vertente marinha). [...]chegando a atingir uma cota de 98m de altitude”.

Observa-se também que muitas das construções antigas (pedras) estão abandonadas e conseqüentemente deterioradas, não existindo um interesse local na conservação destes prédios. Até mesmo a própria igreja continua inacabada há várias décadas, como já foi citado anteriormente (GEORGEN, 1985, p. 105).

Desta maneira, ao destacar os aspectos econômicos, o autor realiza um levantamento histórico dos ciclos de desenvolvimento econômico na vila a partir das movimentações de comerciantes de pesca que traziam seus equipamentos e então empregavam os moradores locais, gerando renda na localidade. Respectivamente foram: Antônio Zeferino (1921 a 1939); Bertholdo Alves Lima (década de 1950) e por fim Olavo Vasconcelos (década de 1960 a 1970).

Dando continuidade aos aspectos históricos e econômicos da vila, José Osmar Fonteles (2000) sintetiza como se deu o surgimento de cinco famílias que tinham como atividade principal a pesca artesanal. A Vila possuía ainda a agricultura como uma das suas atividades de subsistência. Durante muitos anos a produção da vila era a atividade pesqueira, com o seu ápice entre os anos 1965 e 1973. Esta manteve a localidade e apaziguou as dificuldades de acesso a necessidades básicas como equipamentos de saúde e educação. Contudo, foi após a morte de um dos principais comerciantes de pesca, Olavo Vasconcelos, que ocorreu o declínio dessa atividade e por conseqüência o esvaziamento da vila logo após o acontecimento.

Entretanto, nos anos 1980, quando o estudo foi realizado, a pesca estava sem regimento de grandes comerciantes, que haviam se afastado da localidade. As atividades econômicas passaram então a ser organizadas apenas pelos moradores locais, como no passado. Havia na vila, nesse período, 15 pequenas mercearias que eram responsáveis pelas movimentações e estratégias de trocas entre peixes, farinha e insumos básicos que abasteciam a localidade. Os proprietários destas mercearias também eram os comerciantes providos de equipamentos de pesca. O que ocorria era a troca de mercadorias nos períodos escassos por mão de obra nos períodos do plantio e produção de farinha e as temporadas de pesca. Pretendo retomar esta discussão das fases da pesca em Jericoacoara no próximo tópico. Estas mudanças serão melhor apresentadas.

3.2 O ciclo da pesca em Jericoacoara

As origens da prática de pesca no Brasil, de acordo com Antônio Carlos Diegues (1999), data dos registros históricos de práticas dos povos indígenas. Posteriormente, o termo histórico que trata das culturas litorâneas no Brasil e dentre as várias culturas, no litoral nordestino, fica conhecido como cultura do jangadeiro, ou seja, o pescador do Nordeste. Em seguida, o autor relata sobre as mudanças ocorridas na década de 1960 com a implantação da indústria pesqueira:

Na década de 60, o governo brasileiro decidiu implantar uma indústria pesqueira em base empresarial, através de incentivos fiscais concedidos pela recém-criada Superintendência do Desenvolvimento da Pesca – Sudepe. A maioria dessas empresas foi criada, sobretudo no litoral centro-sul do Brasil, usando *trawlers* na captura do camarão para a exportação (Diegues1983). Algumas dessas empresas foram criadas no Ceará, para a captura da lagosta. Nesse processo, surgia também um proletariado ligado à pesca e ao beneficiamento do pescado, em contraposição à pequena pesca artesanal, baseada no modelo de *companha* própria da pesca ibérica, de onde também se trouxe as “colônias de pescadores”, modelo de organização dos pescadores introduzido por volta de 1922 e semelhante às guildas espanholas (DIEGUES ,1999, p.3).

O autor explica, por meio de fontes históricas, o ápice da pesca no Brasil na década de 1970, assim como na década seguinte ocorreu o declínio da pesca com o fechamento de várias indústrias no país. Ele afirma que “Uma das causas principais dessa crise foi a rápida sobrepesca dos bancos de camarão e algumas espécies de peixes, além da recessão econômica que limitou o aporte dos recursos financeiros conseguidos facilmente pelas empresas.” (DIEGUES, 1999, p.3).

O autor exemplifica com a esquematização de trabalhos e pesquisas em Ciências sociais no Brasil, a respeito da pesca. Na década de 1960, os trabalhos acadêmicos objetivavam a descrição do modo de vida dos pescadores e ao final desta mesma década e início dos anos 1970 as pesquisas analisam as relações sociais estabelecidas entre os pescadores artesanais e os pescadores que são introduzidos no modo de produção mercantilista. Ocorrendo estas transformações em vários estados brasileiros. O foco dos pesquisadores não somente contemplava comunidades isoladas de pescadores, mas ainda estratégias e negociações produzidas nas relações colocadas entre os pescadores de “alto mar” e pescadores de “águas rasas”. Estas pesquisas acadêmicas citadas por Diegues (1999) marcam

mudanças sociais e históricas nas comunidades pesqueiras do Brasil.

O autor discute as peculiaridades sobre as atividades de pesca e o que elas representam na vida do pescador. Ele acrescenta que suas ideias sinalizam uma necessidade de área de estudos específica dos povos marítimos, além da atual, que o incluem em estudos do campesinato e de atividades rurais. A seguir, o autor relata sobre as contingências que influenciam a rotina e trabalho do pescador.

Essas práticas e modos de vida se constroem em relação a um meio tanto física quanto socialmente instável e imprevisível. O mar, espaço de vida dos pescadores marítimos, é marcado pela fluidez das águas e de seus recursos, pela instabilidade contínua provocada por fatores meteorológicos e oceanográficos, pela variação e migração das espécies, seus padrões de reprodução, migração, etc. A vida no mar é também marcada não só por contingências naturais, mas por temores e medos, acidentes e naufrágios, pela flutuação dos preços e pela extrema perecibilidade do pescado que, uma vez capturado, deve ser vendido rapidamente, o que obriga o pescador a acertos particulares de comercialização que, usualmente, lhe são desfavoráveis (DIEGUES, 1999, p.11).

A partir dos apontamentos do autor, observei na vila de Jericoacoara através de narrativas de antigos moradores e pescadores alcançados durante o período de pesquisa, que o contexto histórico local está condizente com os acontecimentos no Brasil. Os períodos em que ocorre o desenvolvimento da pesca na vila, o ápice da produção e o declínio, também citados anteriormente como ciclos de desenvolvimento econômico na vila a partir das movimentações de comerciantes de pesca que traziam seus equipamentos e então empregavam os moradores locais, gerando renda na localidade. Respectivamente foram: Antônio Zeferino (1921 a 1939); Bertholdo Alves Lima (década de 1950) e por fim Olavo Vasconcelos (década de 1960 a 1970). Quando o comerciante Olavo retira da vila seus equipamentos e muda-se para a cidade de Camocim, a pesca torna-se sem regimento de grandes comerciantes, retomando, assim, a prática organizada pelos moradores locais. Este processo local é semelhante ao nacional. Contudo, as particularidades estão presentes em narrativas, quando os pescadores vivenciam a chegada de outra atividade econômica; esta atividade gera crescimento local e sem tantos riscos de prejuízos e perdas próprios da vida do pescador, neste caso me refiro ao turismo que se desenvolve na vila nos anos 1980.

O processo histórico, social e cultural em que as práticas de pesca estão inseridas na vila, auxilia na compreensão sobre em que medida esta atividade influenciou nos processos econômicos desenvolvidos na localidade. Diegues (1999)

relata sobre o conhecimento dos pescadores e comunidades marítimas em reconhecer os limites marítimos. Estes trabalhadores são sabedores do mar e também distinguem as linhas divisórias de cada território. Esta é uma maneira encontrada por eles, de transpor limites, tendo em vista residirem em local geograficamente isolado e pouco acessível.

Considerando o fato citado anteriormente, e também as narrativas de pescadores, atento para a diferença preponderante entre as dificuldades de acesso a Jericoacoara via terrestre, em contrapartida ao caminho realizado pelo mar. O fluxo realizado pelo mar não é narrado como limitado. Os pescadores citam as dificuldades, contudo, estas não impedem o fluxo e a circulação por todos os locais possíveis na via marítima. Alguns pescadores relatam que trabalharam em embarcações que percorriam distâncias interestaduais.

Um pescador de 82 anos, morador da vila de Jericoacoara, narra sobre o tempo em que saía para pescar. Estas idas e vindas pelo mar são também fluxos que rompem as limitações geográficas do lugar.

A pescaria que nós começemo em Acaraú, pescamo mais em Acaraú do que noutros canto né, porque Acaraú é um dos melhor mar de Fortaleza a Belém, é um dos melhor mar de lagosta né, num tem outro mar melhor de que Acaraú, muito bom porque pro Norte a gente vai até no final do Maranhão tem uns mar que é bom de lagosta né e a trupe que sai do maranhão pro mar de Belém já num é bom de lagosta né, que é muita carreira d'água doce, muita mesmo! Num tem água salgada, é muito pouco e ninguém sabe nem de onde é que tá a água doce. A água salgada, ela... só é água doce até findar o mar de Belém pra lá, aí mais pra cá no mar do nosso mar num falta lagosta não. Tem canto que tem menos, tem canto que tem mais, mais num falta, qualquer canto que cê chegar, que botar o material, você pega lagosta, muita lagosta... (Pescador, 82 anos, entrevista realizada dia 20 de fevereiro de 2019).

Percebe-se que este homem ao relembrar as idas ao mar a fim de pescar, identifica lugares, além de reconhecer onde encontrar maior quantidade do produto comercializável no tempo do exercício de suas atividades com pesca, a lagosta. É importante perceber que não há como engessar a análise das práticas dos pescadores de Jericoacoara como pescadores que viviam isolados no local. As estratégias e organizações deste grupo de trabalhadores são amplas e envolvem uma expansão de delineamentos marítimos.

Outro pescador que entrevistei relata suas experiências com o mar e os

trajetos marítimos que percorreu. Ele relata as regras existentes entre o seu grupo e os pescadores de municípios próximos e como se davam as redes de cooperação e comunicações durante os dias em que passavam embarcados. Outro aspecto que ele narra é sobre reconhecer-se pertencente a uma classe de pescadores, que ele cita serem pescadores do Brasil. Isto devido a uma carteira que lhe garante a identidade de categoria reconhecida.

Nóis pescava aqui dentro de Jeri mesmo. Espaço que nóis tamo pescando ainda. Os menino tão pescando. Nóis temo aqui duas áreas de pescaria né, duas áreas de pescaria. Aqui nóis somo um grupo de três municípios perto né; é o preá, nóis chama de preá; é Jericoacoara; é o mangue seco e é o guriú. Então nóis respeita a área dele e ele respeita a nossa. Num ponto assim de sentido, nóis sai junto, nóis pesca todo mundo junto, sai todo mundo aqui e se encontra no mar, todo mundo junto! Deus nos defenda tem um bocado de necessidade! Um ajuda o outro, mas sempre nóis tem essa ideia. Nóis começa a pesca daqui da ponta, nóis chama a ponta da pedra até o frade[localização terrestre], essa área aí é nossa. Até a que a gente chama a pedra do desterro lá perto do preá. A área é nossa! Nóis bota nossa rede e nóis faz o que bem entender. Já o Preá [pescadores do território], se ele quiser passar por nossa área, ele chega pra nóis e diz: lá no preá num tem mais o que nóis comer não! vamo ficar aí mais vocês. Tudo bem, mas num sendo, eles diz: negada lá também tem, bora pra lá! Mas tendo eles pesca lá e nóis pesca cá. É diferente de pegar um dos outros, nóis num fica só num lugar, tirando daquele e outro ficando. Então cada qual tira do seu, um tira lá outro tira cá. É assim os guriuseiros pescam numa área, nóis pesca noutra, e é assim. Quando não tem, não tem em área de ninguém; vamo pescar em área de quem tem! Até Camocim nóis pesca; que nóis tem nossas carteiras e nóis pesca em qualquer mar do Brasil né, mas prefiro mesmo pescar no nosso mesmo que pescar nos dos outros né! (Pescador, 82 anos, entrevista realizada dia 20 de fevereiro de 2019).

Diante do exposto acima, deve-se entender que os pescadores da vila de Jericoacoara, que na década de 1970 a 1980 são descritos como isolados e uma comunidade pacata, se reconhecem como pertencentes a uma categoria que perpassa e ultrapassa os limites geográficos da pequena vila, e este reconhecimento é transformado em fluxos e trajetos pelo mar por distâncias expandidas.

Falar da pesca realizada por pescadores de Jericoacoara é também entender as dinâmicas sociais que implicaram neste processo de compreender este

tempo, da vila antiga, em que a pesca estava em plena atividade, quando havia várias canoas, reconhecendo a categoria de pescadores e suas formas de realizar trabalho e rotinas na vila. Ainda em entrevista com outro pescador, morador de Jericoacoara, este relata sobre as rotinas da vila quando a pesca ainda estava como atividade econômica principal:

Aqui de primeiro, antigamente, no poder dos meus pais, já eu mesmo já rapazinho, já pescando, nós travessava o peixe pra Jijoca, nós pegava um burrinho né, botava dois caçoázinho no burrinho com o peixe e chutava pra Jijoca pra trocar o peixe por farinha, na época que era manga, era manga, como agora que é o inverno né, nós trocava por caju, nós trocava por farinha, por goma e algum que tinha dinheiro que queria comprar nós vendia a um dinheiro a ele, mas vender logo, o atravessador era eles né, que vendia pra nós, que você ia vender, hoje não, é diferente, hoje ele vem comprar a nós é, nós num leva mais pra ele, ele que vem comprar a nós aqui Acho melhor assim, nós trocava e sobrevivia, mais agora não, agora mudou. (Pescador, 68 anos, entrevista realizada dia 19 de fevereiro de 2019).

A descrição feita pelo pescador é sobre o cotidiano de pesca e sobre a relação dos pescadores e comerciantes em Jericoacoara. Inicialmente, era necessário deslocar-se até a cidade de Jijoca para realizar as trocas. Depois, ele relata a fase da presença de compradores de pesca na vila, que ele chama de atravessador, por fim, a fase em que eles não mais precisavam deslocar-se, pois o comprador vem até a vila. Essas fases marcam períodos históricos da pesca na vila e também da reconfiguração do espaço referido.

A partir do exposto até esse momento, considero que a economia local nos primeiros registros de pescadores da vila era predominantemente a subsistência, ou seja, o sustento. Os peixes que resultavam da pesca de canoa eram trocados por outros alimentos e assim eram realizadas estratégias de manutenção das pessoas que ali residiam, pois, a vila estava distante da sede do município e o caminho pelas dunas era uma rota de difícil acesso, como será visto mais à frente.

3.3 Vila de Jericoacoara, Turismo e processos produtivos

Para melhor entendimento deste tópico, mostrarei por meio das concepções de Fábio Silveira Molina (2007), autor que também estudou a Vila de Jericoacoara, como é possível entender que as transformações nos espaços da vila e a constante apresentação de Jericoacoara como um produto de mercado e disponível para consumo sem limites, gera consequências nas relações sociais, culturais e políticas do local. Molina (2007) realiza a discussão teórica priorizando entender como a atividade turística como fenômeno social transforma o espaço. A partir de bases bibliográficas que abordam categorias geográficas, o autor analisa o Turismo e a organização dos espaços, comparando com processos globais em constante movimentação.

Molina (2007) define o turismo como fenômeno social que causa demandas de territórios antes esquecidos por políticas públicas de infraestrutura e outros aspectos sociais. Para o autor o turismo, ao estar em desenvolvimento e constante transformação na vila, ocasiona uma reorientação da localidade, no âmbito de serviços, de circulação de bens e de acesso aos espaços.

Diante disso, um exemplo das consequências geradas por este processo para a vila de Jericoacoara são as várias regras que foram criadas por prefeitos municipais no decorrer dos anos de 1990 até a gestão atual, sobre uso e não uso de espaços dentro da localidade, alegando organização e objetivando melhorias para os turistas, em relação a serviços que são oferecidos nas ruas de Jericoacoara. Anteriormente estes serviços eram distribuídos pelos indivíduos pelo reconhecimento dos locais de maior fluxo (como, por exemplo, os carrinhos de vendas de alimentos quando se postavam sobre a praça principal, ocupando toda a extensão da mesma) e hoje estão realocados para a Rua São Francisco¹⁸, em razão de um decreto elaborado pela atual gestão municipal de Jijoca, inicialmente a contragosto dos comerciantes, mas que passa a ser conhecida como “rua das barraquinhas de comidas populares”.

Assim como este exemplo, outras realocações de espaços foram

¹⁸ Ver figura p. 37.

realizadas e estas são demandas que surgem com o crescimento turístico na vila. Ao analisar as consequências sobre os moradores da vila, outra mudança que causou transtornos e disputas na época, foi o evento das delimitações de lotes e a necessidade de registro e documentação de terras¹⁹, entre outros acontecimentos. Estas são maneiras de compreender e exemplificar tal processo.

Molina (2007) utiliza o termo evento para esclarecer as mudanças que Jericoacoara apresenta após as leis ambientais que foram determinadas a partir de 1984 com a criação da Área de Proteção Ambiental – APA. E afirma que “o espaço é produto e produtor de um período, que é um conjunto de possibilidades reais, concretas do mundo” (p.19). Em suma, a pesquisa refere-se a uma abordagem que prioriza a discussão sobre o espaço e sua reconfiguração geográfica e social, diante do fenômeno Turismo.

Outra importante pesquisa que foi realizada por Lea Carvalho Rodrigues (2010), sintetiza o contexto histórico e político do turismo no âmbito de políticas públicas do Estado do Ceará. Para este intento, considera os seguintes acontecimentos como importantes: década de 1970 com a Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR); a elaboração de um Plano integrado de Desenvolvimento turístico- PIDT-CE, e, por fim, na década de 1980, a gestão governamental de Tasso Jereissati, empresário, no intitulado “Governo das mudanças”, que direcionou as políticas para o turismo.

A autora acima referida explica que as ações da área de turismo nesta gestão governamental supracitada, tinham como objetivo o desenvolvimento regional e a redução de desigualdades sociais. Ao promover a política de incentivo ao Turismo neste período, tanto investidores como consumidores estrangeiros foram atraídos pelas riquezas naturais que o litoral cearense possui e desta forma, os benefícios deste crescimento econômico privilegiava camadas abastadas financeiramente, excluindo comunidades marítimas²⁰ e estratificando os territórios

¹⁹ O artigo de Solange Farrajota e Roselane Bezerra (2018) explica o processo da regulamentação de lotes em Jericoacoara. Elas relatam que para fomentar a atividade turística, constatando o ambiente inseguro para o investidor, o Governo do Estado do Ceará deu início na Vila de Jericoacoara, na década de 1990 – por meio da Lei Estadual n. 12.760 (1997) e do Decreto Estadual n. 24.881 (1998), com apoio técnico do Instituto do Desenvolvimento Agrário do Ceará (Idace) e da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace) –, à política pública de regularização fundiária, a priori buscando legitimar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades.

²⁰ Comunidade marítimas são definidas por Diegues(1999) :“ constituem pela prática da gente do mar num ambiente natural marcado pelo risco, pelo perigo e pela instabilidade.[...] na especificidade das comunidades de pescadores: em suas relações com o meio ambiente particular, o mar, no seu

transformados em destinos turísticos.

Uma contradição observada é que as políticas de incentivo ao turismo que geram mudanças estruturais e consumo de ambientes, voltam-se às áreas de preservação ambiental, pois estas mesmas paisagens são o desejo de turistas, tornando-as um local exótico.

A autora (Rodrigues, 2010) realiza uma descrição detalhada sobre a vila de Jericoacoara na década de 1980, e cita a transmissão televisiva que ocorreu neste período, tornando o lugar isolado e habitado por pescadores em um local de desejo de turistas aventureiros. Ela também relata a dificuldade de acesso à vila no período, pois não havia estrada pavimentada, o acesso era carroçal e ao chegar à localidade Jijoca, (nesse período descrito ainda não havia se tornado município) o trecho seguinte era realizado por meio de uma caminhonete conhecida como Jardineira e percorreria dunas e matas até alcançar a vila. Esta mesma dificuldade de acesso para os turistas que pretendessem conhecer Jericoacoara, também era enfrentada pelos moradores para acessar atendimentos básicos, pois a vila não tinha nenhuma estrutura de serviços como escolas, posto de saúde, rede de energia ou água encanada e até os insumos básicos como alimentos e outros eram escassos.

Ademais, outro ponto destacado por Rodrigues (2010) é sobre a rotina da vila nesse período, pois mesmo com poucos turistas, a vila mantinha uma rotina que passava pelas manhãs de atividade de pesca na praia e por trabalhos manuais e domésticos. Os primeiros visitantes se adequavam a estas rotinas, usufruindo da convivência e das atividades que os nativos realizavam.

Numa comparação temporal, a autora relata dados recentes de Jericoacoara, como a emancipação de Jijoca de Jericoacoara, a população aproximada que no ano de 2008 estava em 16.000 habitantes, as atividades econômicas desenvolvidas por ordem de importância que são, o turismo, a agricultura, o comércio de bens e serviços, crochê como artesanato local e a pesca. Numa continuidade, as mudanças crescentes na vila são apontadas como parte de um desenvolvimento acelerado de turismo. Outras características sobre a vila é a manutenção do que a autora chama de “primitivismo paradisíaco” que faz parte da estética do local. Todavia, as degradações do local devido ao fluxo constante de

turistas é um dado alarmante, assim como o uso dos espaços como a duna do pôr do sol, os caminhos que estão mais compactados por conta do trânsito de veículos, a areia das ruas e a construção de barreiras para a maré, pois os restaurantes e pousadas querem estar o mais próximo da praia possível.

Além disso, Rodrigues (2010) relata as mudanças nas relações políticas e econômicas em Jericoacoara, e a atuação política do prefeito Sergio Herrero Gimenez, de naturalidade hispânica, proprietário da pousada Hipopotamus, que foi criada na década de 1980. Os dados sobre a atuação política do prefeito datam de 2005 e o mesmo foi denunciado por jornais e sites sobre as irregularidades cometidas durante a gestão municipal, sendo algumas delas: a construção de uma avenida paisagística num território que naquele período era denominado Área de Proteção Ambiental- APA²¹ e isenção de tributo municipal sobre estabelecimentos como pousadas, em que a pousada deste gestor estava entre as beneficiadas com a aprovação desta ordem municipal. Sergio Herrero atuou como prefeito por duas gestões que se estenderam até o ano de 2008.

Em pesquisa posterior, Rodrigues (2015) realiza estudos sobre a vila em um contexto histórico do período pós-criação do Parque Nacional de Jericoacoara (Parna), e faz importantes observações sobre as condições estruturais de acesso e de manutenção deste destino.

Para acessar a Vila é preciso atravessar o Parque Nacional de Jericoacoara; todo o abastecimento da Vila- alimentos, combustíveis, bens duráveis, material de construção, etc.- tem também que atravessar o parque para serem levados a vila. Além do mais, há um trânsito constante de pessoas que vivem nos arredores do parque, e mesmo na sede do município, e trabalham na vila de Jericoacoara; também ocorre o oposto, pessoas que vivem na vila e trabalham ou estudam na sede do município, vão a bancos, médicos, dentistas, toda uma rede de serviços não existente na vila. (2015, p.4).

Outra pesquisa recente sobre as reconfigurações do espaço na vila de Jericoacoara é a pesquisa de Denys Nogueira (2016) que tem por objetivo entender os processos de transformação do espaço geográfico e social da vila, e como estas transformações influenciam para que a vila de pescadores passe à mercadoria de consumo, ou seja, os espaços e serviços ofertados tornam o lugar como um

²¹ A Área de Proteção Ambiental foi criada em 29 de outubro de 1984, por um movimento de políticos locais e grupos de moradores, que buscavam impedir a implantação de grupos de hoteleiros e especulação imobiliária na localidade.

espetáculo a ser continuamente reproduzido. Ele ainda afirma: “hoje, não se compra e vende apenas produtos, mas comportamentos, relacionamentos, linguagens e, no nosso caso, o próprio espaço.” (p.15).

Diante disso, Nogueira utiliza de conceitos marxistas para explicar o espaço produzido e transformado em mercadoria e enfatiza ainda que, não está tratando o turismo como degradante de Jericoacoara, entretanto objetiva entender como o fenômeno turismo altera e transforma o espaço e as relações sociais estabelecidas nesta mudança. Outro ponto importante abordado, é que no cotidiano da vila as transformações apontam para uma constante comparação com destinos turísticos que seguem uma linha global de fornecer serviços. Esta busca por alcançar parâmetros de destino ideal, está em contradição com leis ambientais que regularizam o uso dos espaços que circundam a vila e que são os atrativos e passeios procurados como produtos de consumo turístico. Um trecho que descreve este intento:

Esse processo, orientado pela reprodução das relações sociais capitalistas, instaura a cotidianidade, lugar de controle e vigilância da vida social, das relações de sociabilidade. Arelado diretamente ao mesmo processo, o espaço se torna lugar da acumulação, reino da mercadoria que engloba até mesmo a vida cotidiana. (NOGUEIRA, 2016, p.19)

Assim, tendo em vista os pontos apresentados e contextualizando as particularidades históricas, sociais e políticas em que a vila está inserida, a partir de estudos e pesquisas exibidos até aqui, sigo no sentido de construir a percepção destes fatos citados pelos narradores e conviventes deste lugar, baseada em relatos de moradores e pescadores que entrevistei e também com observações realizadas durante nas idas a Jericoacoara. Dessa forma, ao pensar sobre a vida social, cultural e política na Vila de Jericoacoara.

4. TURISMO E TRANSFORMAÇÕES NA LOCALIDADE

“O tempo muda demais, Jericoacoara muda demais”.
(Pescador, 68 anos, entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2019).

Em Jericoacoara, ao caminharmos pelas ruas passamos por locais conhecidos como “tradicionais”, que compõem o roteiro de atrativos turísticos. Esses lugares são tanto paisagens naturais, como a praia principal, o Serrote, a Pedra Furada e a Duna do pôr do sol, quanto os lugares físicos, que são a igreja de pedra, a padaria que vende o pão na madrugada e as casas dos pescadores. Um conjunto que faz parte dos atrativos oferecidos aos turistas por meio de pacotes de viagens que facilitam o aumento da atividade turística e que colaboram para a imagem de paraíso de belezas naturais e rusticidade²²

Diante disso, o olhar do turista²³ reconhece que a padaria tem um significado de ser a única que abre pela madrugada na localidade, como também reconhece que residências típicas dos pescadores compõem o significado da vila como espaço rústico, juntamente com as artesãs crocheteiras que estão sentadas à sombra de uma árvore próxima à praia principal, com o seu manejar de linhas e agulhas. Nesses exemplos, o que se percebe é que a vila é para o visitante turista como o lugar do exótico e do encantador, por suas particularidades que irão compor os atrativos turísticos. Há nestes reconhecimentos e registros de lugares ou pontos turísticos que são alvo de visitação e consumo, um processo de redefinição cultural e econômica destes. No intuito de entender as mudanç as que transformam a vila de pescadores em atrativo turístico renomado mundialmente, apresento pontos imprescindíveis sobre esta reconfiguração.

Jose Fonteles (2000), ao realizar um estudo sobre Jericoacoara, registra dados sobre a economia e relata que no ano de 1982 a vila estava em estado de abandono devido ao declínio da pesca decorrente da saída de Olavo de Vasconcelos, o comerciante e proprietário de grandes embarcações e equipamentos que esteve fomentando a economia na vila entre as décadas de 1960 e de 1970,

²² Segundo notícia do periódico Diário do Nordeste, uma das empresas aéreas que realiza voos para Jericoacoara, chamada Azul, registrou aumento de 32% no último semestre de 2018, e atribuiu este crescimento a facilidade de pacotes turísticos ofertados para o destino. Ver link: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/em-seis-meses-geri-se-torna-um-dos-destinos-mais-procurados-da-azul-viagens-1.1884463>

²³ Sobre a teorização a respeito do “olhar do turista” vide Urry (1996).

conforme vimos no capítulo anterior. Neste período, década de 1980, surgem os primeiros registros de visitantes conhecidos como mochileiros na localidade. Moradores que entrevistei relatam sobre essas pessoas que foram chegando e se familiarizando em conhecer o espaço e quais eram as condições de permanência no lugar. Em entrevista com uma moradora, comerciante e proprietária de dois estabelecimentos comerciais (pousada e restaurante) sobre este início do turismo, a mesma relembra os dias em que Jericoacoara ainda era um lugar de poucos visitantes e cita acontecimentos que definem a transição do turista que ela nomeia de “desbravador” para os turistas que estavam hospedados em Fortaleza e realizavam a compra de pacotes de passeio a Jericoacoara, chegando ao destino em grupos.

O turista daquele momento [década de 1980], eram pessoas mais...alternativas, que foram apelidados de mochileiros; pessoas que viajam com mochilas grandes, que dormem em locais simples, que não tem pretensão de ar condicionado, eles querem um contato maior com a natureza. Mas nos anos 90, já... Uma pousada iniciou um trabalho como agência, eles se instalaram em Fortaleza, fizeram publicidade, disponibilizaram um ônibus; o ônibus trazia até Jijoca e de Jijoca pra cá tinha outro tipo de transporte; e esse modelo foi se propagando e aí começou a chegar o turismo. O turista já de pessoas... comuns. Num é não mais só de pessoas alternativas, é... desbravadores né, já passou a ser mais... gente comum, de cidades. De Fortaleza, já começou vir, veio muita gente. Turistas que estavam em Fortaleza, pra fazer turismo em Fortaleza, eles foram cooptados pra chegar até aqui [...] A Hipopotamus e a Casa do turismo, que fazia esse trabalho de... de agência de viagem e captação de turistas né, nessa época ainda não tinha internet né, tinha mas era muito...uma coisa muito tímida. Mas aí, logo em seguida, quando a internet entrou em funcionamento, tudo se modificou né. (comerciante e moradora da vila de Jericoacoara. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2019).

Os mochileiros eram pessoas que buscavam conhecer lugares exóticos e ao chegar à localidade, eram recebidos nas casas de pescadores ou se hospedavam nas primeiras pousadas que a moradora relata. Essas acomodações tinham aspectos simples, pois nesse período ainda não havia energia elétrica e nem distribuição de água potável por redes de fornecimento do estado.

Luiz Lima e Ângela Silva (2004) apontam que o movimento Hippie

(segundo ele um grupo social de pessoas no mundo que buscava viver longe dos parâmetros capitalistas), transitava por locais com riquezas naturais e de poucas estruturas urbanas. O movimento hippie era formado por pessoas que buscavam experiências alternativas e encontravam essas localidades, passando por comunidades tradicionais e de pescadores pelo litoral do Nordeste. Este mesmo caminho foi seguido pelo movimento do turismo, iniciado na década de 1930, contudo, intensificado mundialmente nos períodos posteriores a segunda guerra mundial, com as políticas de bem-estar social e propagação de bens de consumo e tecnologias de informação.

Os autores afirmam também que, no início da década de 1990, no âmbito da política brasileira começava a emergir um conjunto de políticas e projetos que objetivavam o crescimento e desenvolvimento para o Turismo. Já nos anos 2000 surgiram projetos como o Programa de Regionalização do Turismo- Roteiros do Brasil²⁴ e projetos mais específicos na região Nordeste, como o Programa de Ação para o Desenvolvimento do turismo no Nordeste, o PRODETUR-NE²⁵.

Continuando a análise sobre as mudanças em Jericoacoara a partir dos acontecimentos relatados por Lima e Silva (2004), é importante entender as relações estabelecidas os contextos políticos, sociais e econômicos que estavam influenciando os contextos sociais locais. A comerciante ainda relembra as mudanças políticas e econômicas que ocorriam na localidade logo que Jijoca emancipou-se do município de Cruz, em 1991, e que a partir deste acontecimento a vila de Jericoacoara passou a ser administrada pelo prefeito Sergio Herrero Gimenez (nos tópicos anteriores relatei tal fato). Ela relata que:

Logo que entrou os 90 [ano 1990], a situação já mudou de figura, porque já chegou o espanhol, o... que foi prefeito depois, né, ele ficou no poder bastante tempo e Jijoca se emancipou. Tanto é que agora vai fazer já 27 anos de emancipação, no dia

²⁴ O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, lançado em abril de 2004, constitui-se em uma política pública, em âmbito territorial, a partir do Plano Nacional do Turismo 2003-2007, que determinou como macroprograma estruturante a “Estruturação e Diversificação da Oferta Turística”. A premissa do Programa, considerado estratégico para a consecução da Política Nacional de Turismo, centrou-se no propósito de que sua execução, de forma descentralizada e regionalizada, com foco no planejamento coordenado e participativo, repercutisse, positivamente, nos resultados socioeconômicos do território. Disponível para consulta em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Livro_Regionalizaxo.pdf

²⁵ Este foi um programa elaborado pelo Ministério do Turismo criado com o plano "Brasil em Ação" no governo Fernando Henrique Cardoso em 1995 captar recursos e financiamentos de instituições internacionais. Ver link: <http://www.turismo.gov.br/programas/5066-prodetur.html>

06 vai ser comemorada a emancipação. E o Turismo começou a chegar; já foi construída as primeiras pousadas, que foi: a Casa do Turismo; a Hipopotamus, a pousada do Bideco, que era nativo; e já tinha a pousada da dona Izabel, que é uma nativa também; a pousada do seu Raimundo, que era uma instalação simples, mas as pessoas já ficavam e... e aí depois, depois que chegou a energia; não, depois que chegou a água encanada. A água encanada chegou primeiro, depois chegou a energia, é que o turismo se... foi se...foi se fortalecendo né. (comerciante e moradora da vila de Jericoacoara. Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2019).

Esses acontecimentos marcam períodos nos quais a vila de Jericoacoara passa por mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas que envolvem moradores e trabalhadores. Nesse período citado pela moradora, percebem-se as alterações por que a economia local está aos poucos passando, a partir do turismo como meio de galgar crescimento econômico para a vila. Ao falar sobre eventos que contribuem para que a localidade se transforme, como a emancipação da vila, as primeiras pousadas e a instalação de água e de energia, a moradora está explicando que gradualmente Jericoacoara cresce em aspectos estruturais. Alguns autores que citei anteriormente, como Fonteles (2000) e Molina (2007), mencionam a transição que ocorre com alguns pescadores que começam a substituir o trabalho com a pesca de canoa pelo trabalho com serviço prestado ao turismo. Moradores das comunidades e municípios vizinhos começam a vir até a vila para realizar vendas de produtos, assim também como a presença de artesanatos que estão à venda, dentre estes, artesanatos de crochê.

Embora pensando na percepção de indivíduos que vivenciaram as mudanças para então explicitar este processo, o pescador de 82 anos com que conversei relatou sobre as rotinas na vila e as primeiras visitas de turistas, esclarecendo que, com a chegada do turismo, o lugar fora se transformando em um espaço onde ele passou a não reconhecer mais quem circula pelas ruas, agora ampliadas e repletas de pousadas, hotéis diversos e lojas variadas. Não reconhece, também, as casas dos antigos moradores, que ele chama de nativos. Além disso, declara que o crescimento turístico está sem limites, prejudicando as relações antes estabelecidas entre os residentes na vila.

Quando eles [turistas] chegavam só, quando eles chegavam,

ficava na minha casa, ficava na sua casa, ficava na casa desse, desse né; pra mim foi mais legal né, do que hoje. [Hoje] ninguém sabe nem onde fica casa de nativo, é só pousada tudo lá em cima, tudo mudando pra cima né. Eu não sei onde é que vai parar, porque eles num querem abrir mão pra aculá né [faz um gesto em direção aos limites do Parque Nacional], acho que vão subir até chegar lá em cima. Mudou muito rápido Jericoacoara né, eu num gostei não da mudança não. (Pescador, 82 anos, entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2019).

O pescador, durante a entrevista realizada, repete algumas vezes sobre a satisfação em conhecer os nativos e vender o pão na madrugada, pois também se tornou padeiro, aos pescadores que estavam de saída para trabalhar no mar, no período em que a vila era mais tranquila na concepção dele. Relembra também que deixou a atividade de pesca para abrir uma padaria na Rua São Francisco, uma das três ruas que atualmente formam as rotas de maior fluxo pelos turistas. A padaria, que tem o nome do senhor Antônio, transformou-se em um atrativo turístico devido à peculiaridade de estar funcionando a partir de duas horas da manhã.

Quando ele estava na atividade de pescador, fez amizades com os primeiros turistas e os recebia em sua casa. Após abrir a padaria, ele relata que vendia pães aos pescadores que saíam para o mar durante a madrugada. Os turistas, quando regressavam dos bailes tradicionais de forró e outras festas que foram surgindo, percebiam que a padaria estava funcionando, então aguardavam em uma fila a venda do pão produzido por Seu Antônio. Ele relata que atendia a todos de uma portinha que ficava na parede da frente do estabelecimento, pois não havia a estrutura de cadeiras e mesas.

Todavia, o senhor Antônio conta que vendeu o estabelecimento a um recém-chegado à localidade, que demonstrou interesse em comprar o mesmo. Após essa negociação, Sr. Antônio mudou-se dessa casa onde morava e fazia pães, na Rua São Francisco, para uma casa mais afastada, próximo ao estacionamento na entrada da vila.

Ele relata que o aumento de festas e fluxo de turistas estavam incomodando-o por conta da intranquilidade durante a noite, com sons de música alta e o transitar de pessoas. Recorda, também, sobre o tempo em que havia menos turistas e que nesse período tudo acontecia com maior calma nas ruas e estabelecimentos. Contudo, defende que o turismo é bom para os moradores, pois

garante o sustento e o trabalho.

Referente às transformações políticas que ocorrem na vila, Fonteles (2000) cita um fato preponderante na vida dos moradores de Jericoacoara, que é a delimitação da região como Área de Proteção Ambiental (APA). Essa decisão alterou os rumos da localidade em muitos aspectos, desde o uso dos recursos naturais por nativos e visitantes, como as questões das relações sociais internas. Quase duas décadas depois, a criação do Parque Nacional de Jericoacoara (PARNA Jericoacoara) em 2002, excluiu os limites geográficos da vila da condição de Área protegida e assim a gestão municipal tornou-se a responsável pelas regras e usos do local.

Com isso, a vila de Jericoacoara tornou-se uma verdadeira ilha entre os limites do Parque e do mar, pois para chegar à vila é necessário transitar por dentro do Parque, como citado anteriormente. Todavia, essas limitações trazem transtornos diversos aos moradores e trabalhadores de comunidades próximas e outros municípios ao considerar que a vila cresce em visitas e números de hospedagens de maneira exorbitante.

Quando entrevistei o gerente de uma pousada na localidade, ele informou que a rede de esgoto realizada em 1998 foi pensada para um quantitativo de oitenta pousadas e em torno de mil turistas. Contudo, atualmente há uma crise na rede de abastecimento de água e coleta de esgoto, porque aumentou expressivamente a quantidade de pousadas e visitantes por ano. Ele afirma que:

4.500 unidades habitacionais que comportam 9.000 pessoas [...] no Réveillon, do dia 27 de dezembro ao dia 02 de janeiro, nós temos; porque essas U.H[unidades habitacionais] que eu te falei são só de Hotéis e pousadas, aí você somando hostels e casas e etc, etc... dá perto de 10.500, 11mil pessoas, nestes dias nós tínhamos 11 mil pessoas todos os dias em Jericoacoara. (Gerente de pousada, entrevista realizada em 19 de março de 2019).

Ou seja, são agravadas as dificuldades estruturais em Jericoacoara nos períodos de festas de fim de ano, também em outras datas festivas com feriados. Essa lotação causa transtornos efetivos ao considerar que há limitações geográficas e de distribuição de água, energia, dentre outros fatores. Outro aspecto que é consequência do crescimento e demanda do turismo, devido a recorrente procura por imóveis onde estrangeiros desejam investir em serviços turísticos, é a

especulação imobiliária na vila. O senhor Oswaldo relata suas experiências e memórias sobre este assunto:

Até então, apresentei algumas modificações que ocorreram em Jericoacoara devido à expansão do Turismo. Complementando essas questões, Rodrigues (2018)²⁶ apresenta os grupos e órgãos que estão envolvidos no conflito socioambiental em Jericoacoara, que são esses: ICMBio, Governo do estado do Ceará, Prefeitura de Jijoca, Companhia de água e esgoto do Ceará (CAGECE), aeroporto do polo turístico de Jericoacoara, Guias turísticos, Ambulantes, Conselho comunitário, associação de empresários “Eu amo Jeri” e demais comércios, pousadas e restaurantes. A autora também apresenta os agentes biofísicos que influenciam nas demandas do local, que são: ventos, areias, águas, dejetos e resíduos físicos (lixo). Esses agentes citados representam todos os grupos envolvidos diretamente nas transformações ocorridas constantemente em Jericoacoara, ocorrendo uma disputa de poder, de estratégias de controle dos espaços na vila e em todo o entorno, o Parna, os atrativos turísticos nas cidades vizinhas e todo o complexo que forma Jericoacoara como destino turístico atualmente mais desejado no país e em expansão a nível mundial. Dentre os conflitos de reordenamento dos espaços em Jericoacoara, cito dois acontecimentos que influenciaram na dinâmica do local.

No período de 2017 até meados de 2018, eram realizadas festas durante a noite, próximas às barracas de bebidas, pois os proprietários das barracas organizavam o evento para atrair turistas ao espaço. Contudo, no ano de 2018, a prefeitura determinou o fim desses eventos, justificando que as festas à beira mar prejudicavam a praia e causavam transtornos.

Entre as questões políticas dentro da vila, estava acontecendo no período de 2017 a 2018 o processo de implantação da taxa de turismo sustentável. – TTS.

Dentre as mudanças econômicas que acontecem com o crescimento do turismo, temos o artesanato como um modo de produção que surge na vila na década de 1990, concomitantemente ao aumento de turistas. O artesanato estava em pleno desenvolvimento pela fabricação de produtos de crochê por um grupo formado mulheres que moram em localidades próximas a Jericoacoara, conhecidos

²⁶ Relatório de pesquisa intitulado: *Turismo em Parques Nacionais: Um estudo etnográfico em Jericoacoara, Ceará. Tensões e conflitos nas áreas de preservação ambiental.* (RODRIGUES, 2018)

por Córregos do município de Jijoca, além dos que moravam na vila e faziam artesanatos diversos. Ainda no ano de 1990, esse grupo de artesãos, sem ter uma organização ou instituição que os coordenasse, produzia e vendia peças como: redes, colchas, artigos de cama, mesa e banho que mesclavam tecidos e crochê. Essas pessoas são conhecidas popularmente na vila como crocheteiras.

No intuito de produzir roupas e artigos de praia, para suprir uma demanda gerada pelo turismo, os artesãos começaram a criar produtos voltados para o uso em ambientes de sol e praia. Essa percepção surge das frequentes idas e vindas das artesãs e artesãos de suas localidades até a vila, com seus produtos sobre os braços ou dispostos nas portas de acesso das primeiras pousadas na vila de Jericoacoara.

Contudo, o artesanato sofre mudanças na região para se adequar a um modelo econômico de produção capitalista (LIMA; SILVA, 2004). Eles alegam que “essa mudança na confecção do artesanato local mostra bem como o capital tem a capacidade de manipular uma atividade econômica até coloca-la nos seus padrões e normas” (LIMA; SILVA, 2004, p.38). Sobre tais mudanças apresentarei mais detalhes no próximo capítulo.

5. O PROCESSO DE MUDANÇAS EM JERICOACOARA VISTO A PARTIR DO TRABALHO ARTESANAL: AS CROCHETEIRAS DE JERICOACOARA

Neste capítulo, apresento o artesanato da vila de Jericoacoara, com o foco nas artesãs de crochê: as crocheteiras. No primeiro tópico, será exposto o artesanato e o papel da mulher artesã em seu contexto histórico. O segundo tópico trata do artesanato e a relação com o turismo, tanto no contexto global quanto no local, considerando as políticas públicas do Ceará direcionadas à inserção do artesão nos destinos turísticos. No terceiro tópico, relato sobre a vida das crocheteiras em suas rotinas e percursos na vila, suas relações familiares, tradições e técnicas e, por fim, o quarto tópico aponta como as reordenações de estratégias políticas de agentes sociais envolvidos em transformações políticas, econômicas, sociais e culturais no destino turístico Jericoacoara (citado no capítulo anterior), influenciam nas atividades cotidianas das crocheteiras.

5.1 O artesanato e a mulher artesã

A origem do crochê como uma das modalidades de arte data de 1700 na Europa, com as primeiras artes documentadas historicamente, tendo a conotação de um ofício feminino. O crochê chega ao Brasil como herança cultural portuguesa, que é transformada e reconfigurada por indígenas (VERGNE, 2011), (SILVA, 2016). Contudo, no que se refere à habilidade artesanal, Richard Sennett (2009) apresenta a importância desse conceito como um impulso da humanidade na permanente vontade de realizar um trabalho com perfeição em si mesmo. Ele diz:

O artífice frequentemente enfrenta padrões objetivos de excelência que são conflitantes; o desejo de fazer alguma coisa bem pelo simples prazer da coisa bemfeita pode ser comprometido por pressões competitivas, frustrações ou obsessões. (SENNETT, 2009, p.20)

O autor esclarece as condições em que os artífices exerciam seus trabalhos artesanais no século XVIII e XIX. Outro ponto defendido é que todos os processos de criação de uma arte passam inicialmente pela capacidade corporal, pois é preciso disciplinar o corpo para então produzir a arte, mesmo que esta seja abstrata. Ele também explana que “O desenvolvimento da habilidade em todos

esses terrenos é difícil, mas não misterioso. Podemos entender os processos imaginativos que nos capacitam a fazer melhor as coisas.” (SENNETT, 2009, p. 21). Ou seja, a habilidade artesanal está entre a consciência do corpo e a imaginação para criar algo.

Em continuidade, o autor defende que o fascínio pela perfeição da arte realizada pelo artífice pode prejudicar o processo e o resultado final e busca entender as habilidades humanas e como se deu o processo de criar coisas, desde as mais simples criações até as mais miraculosas. Ele diz; “Materialmente, os seres humanos são hábeis criadores de um lugar para si mesmos no mundo.” (SENNETT, 2009, p. 24). Relatando também sobre as oficinas e as relações sociais estabelecidas nesse ambiente, e descrevendo que “a oficina é a casa do artífice explica que [...] os artífices dormiam, comiam e criavam os filhos nos locais de trabalho” (SENNETT, 2009, p. 67). Para ele a oficina era um espaço de hierarquias que eram determinadas pela capacidade do trabalho bem realizado. “Um esforço produtivo no qual as pessoas lidam diretamente com questões de autoridade” (SENNETT, 2009, p. 68)

Contudo, deve-se compreender que na perspectiva do autor, os traçados históricos do período medieval, junto à figura política da igreja que influenciava com seus dogmas, estabeleciam socialmente as regras nas oficinas de artífices, dentro de um processo de organização que estruturava os trabalhos artesanais. E explica também o papel dado a mulher nesse contexto histórico:

A moralidade cristã foi a principal influência na formação do “homem” existente no artífice cristão urbano. Em suas origens, a doutrina da igreja geralmente considerava o tempo livre como uma tentação, o lazer, como um convite à indolência. Esse temor aplicava-se particularmente às mulheres. Eva encarnava a tentação, distraíndo o homem do seu trabalho. Os patriarcas da Igreja consideravam as mulheres especialmente tendentes à licenciosidade sexual se nada tivessem para ocupar as mãos. Este preconceito deu origem a uma prática: a tentação feminina podia ser combatida através de artesanato específico, o da agulha, fosse na tecelagem ou no bordado, mantendo permanentemente ocupadas as mãos das mulheres. (SENNETT, 2009, p.72)

O autor explica, ainda, que realizar bordados e costuras era para a mulher no período medieval um sinal de estar em conformidade com parâmetros sociais, contudo, não era considerado um trabalho como os homens artífices, e sim uma ocupação para evitar ociosidade. Considerando essa questão, o período citado demanda uma discussão sobre o papel da mulher na produção de artes por meio de

linhas e agulhas, e propõe entender que, historicamente, essa não era uma ocupação considerada como trabalho e sim um ofício feminino ligado aos afazeres domésticos.

Um estudo sobre trabalho artesanal e história de vida de mulheres, realizado por Márcia Alves da Silva (2015), por meio do debate teórico feminista e a condição do trabalho feminino, afirma que as mulheres são inicialmente inseridas no mercado de trabalho, segundo a historiadora Michelle Perrot (2007), a partir de dois eventos históricos: o primeiro equivale a Revolução Industrial com as primeiras inserções e o segundo é a Primeira Guerra Mundial. Todavia, as mulheres estavam envolvidas em ofícios diversos, mas não eram consideradas e muito menos legitimadas pelo mundo do trabalho, como já citado anteriormente por Sennet (2009), quando o mesmo relata as divisões de trabalho no período medieval e o papel dado à mulher. Silva (2015) esclarece que com base nessas divisões de gêneros, de posições estabelecidas, eram delegados então à mulher os trabalhos manuais delicados e que remetem à sutileza, como os trabalhos de costura, tricô e crochê.

Sobre a posição social da mulher como artesã, Silva (2015) compreende que a partir do entendimento de divisão sexual do trabalho há uma relação de hierarquia de papéis sociais determinados culturalmente a homens e mulheres nos ofícios cotidianos. Esses papéis foram reforçados nas sociedades ocidentais pelos dogmas religiosos, nos quais as mulheres estão atreladas a ofícios domésticos e alusivos à maternidade e reprodução, enquanto os homens estão em posição de ofícios de produção que serão inseridos na lógica fabril e capitalista. Ela afirma que:

Precisamos ter em mente que o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um destino biológico, como historicamente tentou-se supor, mas sim oriundo de construções sociais. Portanto, homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica, que se concretiza nas relações sociais de sexo. Estas relações possuem uma base material, que é o trabalho, e que se revela através da divisão social do trabalho entre os sexos, denominada de divisão sexual do trabalho. (SILVA, 2015, p 251)

A partir dessas concepções, conclui-se que o crochê, enquanto arte que surge no manejo de linhas e agulhas, é uma atividade feminina que tem em si uma relação de gênero sobre a mulher artesã no contexto social de desigualdades. Assim, o artesanato e a autonomia do trabalho feminino é uma questão ampla, contudo, não me detenho a este assunto, porque o foco nesta monografia envolve

outros elementos citados anteriormente. Sobre a perspectiva da técnica, o artesanato será fruto da criatividade de cada feitor. A técnica ao ser repassada produz uma rede de hábeis artesãs, porém a forma final, o resultado de cada produto fabricado individualmente, é diferente, pois depende da habilidade manual e da percepção de cada artesã.

5.2 O artesanato e sua importância para o Turismo

No objetivo de contextualizar e esclarecer o artesanato enquanto uma ação cultural que está imbricada ao fenômeno do turismo, exemplifico a partir de aspectos importantes, tanto a nível global, citando uma pesquisa realizada no México, quanto a nível local, ao considerar as políticas de artesanato no Ceará, para então alcançar o recorte empírico que são as crocheteiras em Jericoacoara.

Uma pesquisa realizada que pode contribuir para o entendimento do artesanato a nível global, é o trabalho de Fuentes, Guardado e Reyes (2014). A partir de um estudo sobre artesanato realizado no México, estes tentam compreender como uma instituição que se propõe a realizar projetos para as artesãs de Yucatán e Campeche, irá comercializar seus produtos com fins turísticos. Os *talleres artesanales* são lugares chamados “casas de artesanatos”, onde os turistas podiam visitar e comprar produtos, e as artesãs produzem seus produtos e vendem aos turistas.

O artigo retrata a relação do Turismo e as transformações dos produtos artesanais produzidos pelas mulheres no intento de suprir uma demanda de consumo. O surgimento do Turismo de Hacienda, ou seja, casa de artesanatos, na Península de Yucatán, são estratégias e articulações dos empresários do Fundação Haciendas del Mundo Maya, juntamente aos gestores locais, visando construir espaços onde o projeto de casas de artesanatos é desenvolvido. Há uma facilitação de imóveis e de espaços para que sejam implantadas essas casas. Um ponto negativo dessas relações estabelecidas nas casas de artesanato é que as artesãs não têm autonomia de negociações ou de vendas, todo o processo produtivo até a negociação é monitorado pela empresa. Entende-se que em grandes destinos turísticos, como esse exemplo no México, ocorre um movimento de padronização do artesanato para estar nos moldes exigidos pelo turismo de massa.

Dentre os aspectos positivos citados pelos autores, estão as relações que as mulheres constroem a partir da convivência nas casas de artesanato, como também a satisfação de produzir o objeto em si, que para estas mulheres tem um significado maior que somente a comercialização. Essas mulheres artesãs tomam a posição de empregadas de um sistema de produção, havendo uma diluição de suas práticas particulares e minuciosas que o artesanato possui, por uma linha de produção que busca incessantemente suprir uma demanda gerada pelo Turismo naquelas regiões do México.

Voltando-se para o estado do Ceará, para pensar como essas articulações de relacionar o turismo e o artesanato acontecem, Flávio Teles Cardoso (2012) afirma em seu estudo essa associação ao turismo, em vários trechos litorâneos do estado. Ademais, de acordo com dados históricos coletados nessa pesquisa, os processos de reconhecer o Ceará como o lugar de práticas artesanais que demarcam o regionalismo por meio de estratégias políticas, essas atraem o fluxo de turismo como uma nova fonte de empreendimentos no estado. Ocorreram, em meados de 1980, mudanças políticas e econômicas, transformações nas relações de trabalho no campo e na cidade que fragilizaram as relações de oligarquias tradicionais.

Cardoso (2012) esclarece com o governo de Tasso Jereissati em 1986, o “governo das mudanças”, o propósito do período era transformar a imagem do Ceará em um lugar turístico e então o artesanato estava dentro do conjunto de estratégias para que essa imagem fosse disseminada. A partir deste intento, a gestão promovia políticas de inclusão dos artesãos no Ceará, que precisavam se adequar a um padrão que as novas formas de consumo turístico estavam possibilitando. A influência da produção industrial exigia uma reconfiguração do fazer artesanal nesse período. Esse processo de adequar os artesãos e seus produtos a uma demanda de mercado falhou em muitos aspectos, pois as formas de produção não acompanhavam a demanda que o turista visitante do Ceará buscava, era necessária uma produção em sistema fabril, padronizada. Contudo, os artesãos não se enquadravam nessa lógica devido ao processo de fabricação próprio do artesanato no estado.

Cardoso (2012) elucida as tentativas realizadas de organização sindical e de capacitações nos anos 1990, para que os pontos de conflitos (condições de

trabalho, repasse de vendas pelo Centro de Artesanato do Ceará-CEART²⁷, condições de cadastramento e reconhecimento como artesão no estado) entre os artesãos fossem diluídos. Havia um desencontro entre as reivindicações dos artesãos e as condições impostas pela gestão governamental do período. O impasse era constante e as políticas para a produção artesanal eram insuficientes, ou seja, “A partir do momento em que se percebeu um desencontro entre o discurso governamental e o retorno mercadológico do artesanato, as políticas governamentais tornaram-se contraditórias” (CARDOSO, 2012, p. 420).

De acordo com o autor, essas foram medidas tomadas com o intuito de valorizar os produtos artesanais como produto simbólico para os turistas, caracterizando-os como consumidores de cultura regional, e ações foram realizadas para buscar formas de articular melhor a produção e o repasse de produtos. No entanto, o processo histórico citado e os desenvolvimentos que ocorreram, tanto econômicos como políticos e culturais, não foram suficientes para abrandar as questões que tratavam das condições de trabalho do artesão no estado. Cardoso (2012) relata que o artesão se encontrava em condição de vulnerabilidade social, mesmo diante do estado que alcançava uma marca de produção de artesanato condizente com a demanda turística no período.

5.3 Ser crocheteira de Jericoacoara: percursos, aprendizados e técnicas

Já ouvi turista falar que vinha pra Jeri através do nosso trabalho. Já falaram pra nós isso aí já. Achava muito bonito nosso trabalho e nosso jeito, todo mundo trabalhando né (Artesã, Crocheteira de Jericoacoara; Realizado em 31. out. 2018).

²⁷ O Centro de Artesanato do Ceará – CEART é uma central de vendas de artesanatos do estado do Ceará que está vinculada a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social- STDS e que tem atualmente 42 mil artesãos cadastrados no Ceará, segundo dados do site www.stds.ce.gov.br.

Figura 5 - Fotografia de peças de crochê expostas por artesãs de Jericoacoara



A vila de Jericoacoara é um local de muitos trabalhos artesanais expostos à venda. Quando realizei a primeira viagem a Jericoacoara, no ano de 2017, ao andar pelas ruas e avistar as decorações dos espaços, percebi que em muitos estabelecimentos comerciais como restaurantes, lojas e lanchonetes, havia peças de crochê. Ao passar pela rua chamada Principal (ver mapa no capítulo 2), avistei um grupo de mulheres que estavam sentadas próximas a um estabelecimento em construção, em frente a um restaurante chamado Leonardo da Vinci. Essas mulheres mostraram seus produtos e logo se apresentaram como crocheteiras.

As crocheteiras, mulheres que se autodeclaram com essa identificação, comercializam na vila desde os anos 1980. O artesanato de crochê nesse período era a segunda atividade econômica depois da pesca e dentre os produtos próprios da técnica da pesca estavam citadas as peças de crochê como “redes e varandas” (GEORGEN, 1984).

Outro registro sobre artesãs de crochê data dos anos 2000 e revela que essas mulheres vendiam sua mão de obra para pessoas que se deslocavam até suas casas com o material de trabalho (linhas e agulhas). Elas produziam peças em suas casas, repassando para compradores que vendiam para lojistas na vila de Jericoacoara. Lima e Silva (2004) relatam que identificaram, durante a pesquisa, um grupo de artesãs de crochê que residiam na comunidade Chapadinha. Essas

artesãs revendiam seus produtos, como descrito no trecho a seguir:

Na comunidade de Chapadinha, como as demais do entorno da APA, os artesãos locais fornecem seus trabalhos para a vila de Jericoacoara. As mulheres produzem o artesanato de linha- bolsas, blusas, saias e saídas de banho - para vendas ocasionais aos turistas. Uma das artesãs ao ser entrevistada confessou que o seu serviço já é terceirizado, pois recebe a linha para a confecção de outra moradora que possui melhor condição financeira, [...] A artesã disse, ainda, que leva em torno de uma semana para produzir uma peça maior, como a saída de banho. Terminada a tarefa manual, a fornecedora de matéria prima leva a peça para a vila de Jericoacoara, onde repassa a mercadoria para as lojinhas locais. O produto, assim, passa pelas mãos de várias pessoas até chegar nas mãos do comprador final, ou seja, o turista. (LIMA; SILVA, 2004, p. 51).

Outro registro que se refere a um projeto do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas-SEBRAE com grupo de artesãs na vila, data de novembro de 2008. Por meio do site da instituição²⁸, é noticiado um desfile para inaugurar a Associação Mundo Jeri. Esse momento de apresentação de peças ocorre no estabelecimento Clube dos Ventos, um hotel localizado à Beira-Mar, em Jericoacoara. Nesse mesmo informe, está colocado que a instituição começou as tentativas de criar a associação sete meses antes e que no início havia 35 mulheres, porém, após uma oficina de imersão que durou oito dias apenas 18 mulheres restaram no grupo. O movimento de associação²⁹ é uma iniciativa do SEBRAE, que envolveu diversos grupos de artesãos de distintas categorias, como apresentou em dissertação Emanuelle Kelly Silva (2011) sobre a intervenção desta instituição no grupo de bordadeiras no município de Maranguape - Ceará.

Diante disso, observei as crocheteiras pelas ruas de Jericoacoara durante o período que realizei a pesquisa em campo. E a seguir, apresento trechos de entrevistas, totalizando doze, das quais nove foram realizadas com artesãs e duas com representantes da gestão municipal de Jijoca de Jericoacoara. As mulheres entrevistadas são representantes de três segmentos existentes atualmente, que são: Associação Mundo Jeri, criada em 2008, com 18 mulheres; Associação Crochê Jeri, criada em 2017, com instabilidade de integrantes, que varia entre 13 a 17 mulheres;

²⁸ Ver notícia em: <http://www.ce.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/CE/crocheteiras-lancam-grife-de-roupas-em-jericoacoara,7a6c5b7a29e26410VgnVCM1000003b74010aRCRD> acesso: 22.06.19.

²⁹ Associação de acordo com o regimento de artesanato "Instituição de direito privado, sem fins lucrativos, constituída com o objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados. Regidas por estatutos sociais, com uma diretoria eleita em assembleia para períodos regulares. A quantidade de sócios é ilimitada" ver: <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2014/12/conheca-as-formas-de-organizacao-do-artesanato-brasileiro>. Acesso em 22.06.2019.

e, por fim, as crocheteiras e crocheteiros ambulantes³⁰. Devo esclarecer que, de acordo com dados informados pela gestão municipal, o quantitativo de artesãos e artesãos autorizados a comercializar produtos de crochê na vila são 80 pessoas. Considerando que eu estive em períodos aleatórios, essas pessoas circulam por toda a área de Jericoacoara, sendo que algumas ficam próximas a pousadas que autorizam sua permanência e outras caminham pela praia, com seus produtos em grandes sacolas.

Há também espaços como o que avistei na primeira ida a Jericoacoara, em que as artesãs podem se sentar e expor as peças. No primeiro momento realizei tentativas de aproximação, porém algumas foram sem êxito, pois as artesãs estavam sempre respondendo a turistas que se aproximavam para ver os itens produzidos. Essa instabilidade de espaço e local para as conversas gerava uma impaciência nas mulheres em relação a minha presença ao seu lado e, ainda que eu explicasse meus motivos, eu não era aceita por algumas delas. Outro fato sobre tal questão é que priorizei mulheres, devido também a uma menor quantidade de artesãos nos espaços que visitei nos dias em que estive em Jericoacoara. Ainda assim, realizei uma tentativa frustrada de entrevistar um artesão, que ficava num ponto fixo todos os dias, bem próximo ao acesso para a praia principal. Tentei algumas intervenções ao artesão, porém ele não quis conversar.

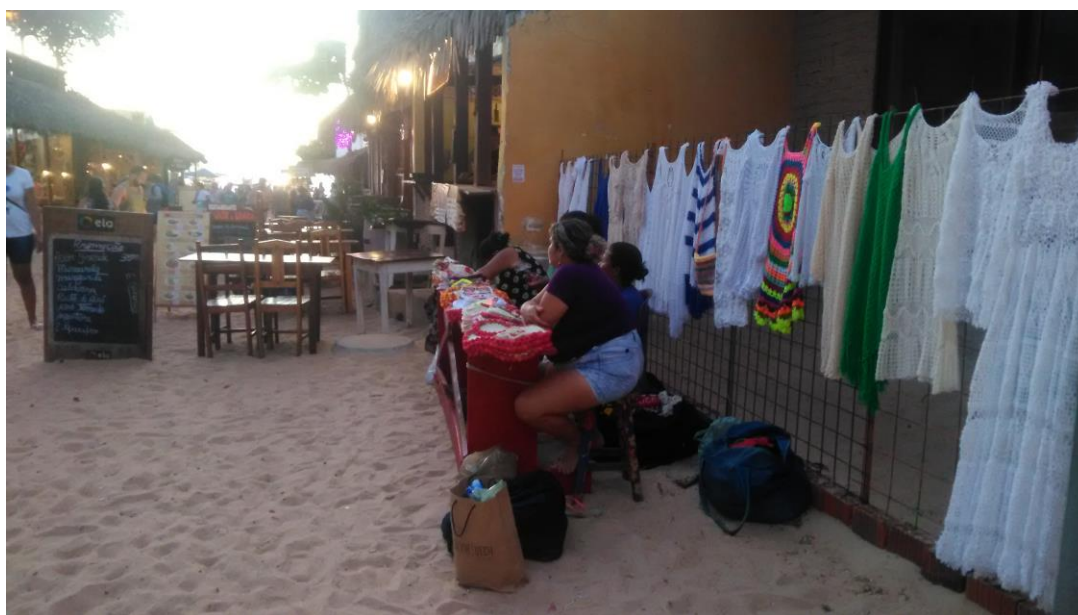
No período entre 2017 a 2019, realizei cinco viagens que tiveram duração entre 10 a 15 dias, entrevistei as crocheteiras e percebi que a cada ano aconteciam mudanças tanto nas relações interpessoais e na rotina delas quanto na reorganização dos espaços dentro de Jericoacoara que afetavam diretamente as crocheteiras.

No ano de 2017, ao observar as ruas e conversar com as crocheteiras que encontrei quando estava a caminhar com a equipe do projeto ao qual eu pertencia, notei a disposição de peças como guardanapos, bolsas de diversos tamanhos, chapéus e biquínis que estavam sobre uma bancada de madeira e as mulheres sentadas logo atrás. Como estavam bem próximas a uma cerca de arame que isolava um estabelecimento em construção, elas colocavam vestidos e camisas nesta grade. Muitos turistas se aproximavam para olhar os produtos., e com o passar dos dias, à medida que eu retornava ao local, conhecia um pouco mais da

³⁰ Estes artesãos são os que não pertencem a duas associações, que segundo dados da Secretaria de Turismo do município, foram cadastrados e são regimentados pela gestão municipal.

rotina dessas trabalhadoras.

Figura 6 - Fotografia de artesãs na Rua Principal em Jericoacoara



Identifiquei, assim, que há um rodízio de mulheres nesse espaço: um grupo frequenta pela manhã até ao final da tarde e outro grupo chega por volta de 15 horas e fica até às 21 horas. Dentre essas mulheres estão as associadas e as não associadas. Nas primeiras idas, o que elas sempre me apresentavam era um crachá de identificação e uma camisa que algumas vestiam e outras levavam em suas bolsas e, logo após mostrarem, o guardavam. Em entrevista com uma das crocheteiras, ao perguntar sobre sua rotina e percurso de trabalho, a mesma respondeu:

Nóis todos os dias tá aqui, ó, [mostrou a linha e agulha que estava segurando] eu venho trabalhar, mas eu acho que você até percebeu, aí na praia, aqui com alguma das meninas; que eu venho trabalhar e aqui eu trago minha agulha de crochê. Eu venho, se eu vier sempre, se eu vier de manhã oito horas da manhã, que eu tiver aqui, quando dá duas horas da tarde eu já tô em casa. Quatro, cinco horas eu já tô; já pra terminar de fazer minhas peças de crochê, faço a noite. (Crocheteira, moradora da comunidade Chapadinha. Entrevista realizada em 29 de julho de 2017).

A reação de apresentar suas identificações como artesãs, refletia um conjunto de normas que estavam em implantação pelo órgão fiscalizador do município de Jijoca de Jericoacoara. Essas normas serão explicadas mais adiante,

no próximo tópico. O fato é que, para descrever sobre as crocheteiras, inicialmente contextualizo como se deu esse encontro. Diante disso, em sequência, exponho pontos importantes sobre a história dessas mulheres e seu cotidiano.

Segundo relatos, nas primeiras idas e vindas dessas mulheres de suas casas para a vila, o percurso era realizado caminhando por uma rota desconhecida por turistas e demais transeuntes de Jericoacoara. Uma crocheteira mais idosa relatou que para chegar à vila precisava caminhar desde sua localidade, Chapadinha, percorrendo a pé as dunas, até alcançar a praia e esse esforço era para trocar ou negociar verduras e outros produtos, às vezes por peixes ou pelo que ela conseguisse. A crocheteira, de 59 anos, relembra o período em que para realizar sua atividade de venda na vila, precisava sair durante a madrugada:

Minha fia nós de primeiro ia de pés, acredita?! A gente vai de pés daqui pra Jeri. A gente ia de a pé, é; só que a gente não ia todo dia também, né! A gente ia hoje e amanhã ninguém ia não, porque ninguém aguentava não, aí a gente ia só depois, a gente ia, né. Aí a gente saía daqui três hora da manhã, fazia aí uma tapioquinha, uma coisa, juntava num saco e assava um pedaço de frango, um peixe, uma coisa, enchia uma garrafinha d'água, fazia um guisado, botava num depósito e ia. E quando chegava lá, por aquelas dunas, o dia amanhecia a gente comia e lavava as mãos pelas lagoas e abarcava pra Jeri. Quando era 9h, 10h ia atrás de fazer seu serviço; aí quebrava a praia de novo; quando era três hora vinham chegando, aí quando chegava, também, já chegava cansada demais aí num tinha mais como fazer nada, né. (Crocheteira, 59 anos, moradora da comunidade Chapadinha. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2018)

A caminhada realizada nos primeiros percursos das crocheteiras foi preponderante no reconhecimento das mudanças que transformavam Jericoacoara, pois, elas também relatam sobre quando perceberam o fluxo de turistas na localidade e então criaram peças que se adequavam a essa demanda. Com as repetidas vezes que a crocheteira entrevistada realizava esse trajeto, ela verificou que em Jericoacoara havia um público diferente e viu ali a oportunidade de produzir as suas peças de crochê.

Aí quando nós vimo surgir restaurante grande, pousada e tudo, aí o pessoal de fora começaram a chegar com os carros deles e tudo, aí nós paremo a verdura e fomo começar com o crochê, vestir as turistas que chegava lá e ficava nua né, [risos] é né; elas andava tudo nua né, as muier tirava a roupa e ficava

tudo nua né, vamo vestir essas muier aí [risos]; não era ficar nua não, era de biquíni. Aí nós começemo com esse negócio de crochê, pra esse negócio de saída de praia, tá com uns 25 ano por aí, que a gente começou esse trabalho pra nós vender. (Crocheteira, 59 anos, moradora da comunidade Chapadinha. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2018).

A senhora artesã teve a percepção de que havia um maior fluxo de modificações, tanto nas construções de empreendimentos quanto no público que agora frequentava a vila. Outro dado interessante é refletir sobre as diferenças culturais que são apontadas nesse contexto histórico, no qual há uma comparação de pensar sobre a forma de vestir-se na praia, pois a crocheteira tem a ideia de produzir uma peça que representa uma resguarda feminina. Ela entende que as mulheres turistas que usam o biquíni irão comprar as peças vazadas de crochê para cobrir um pouco a nudez que a crocheteira vê e enfatiza.

As crocheteiras de Jericoacoara são mulheres que procedem de localidades próximas à vila, como dito acima. As trabalhadoras que entrevistei residem, em sua maioria, na comunidade de Chapadinha, um território próximo a Lagoa Grande e à sede do município de Jijoca de Jericoacoara. As demais residem em bairros da sede do município.

Sobre o entendimento de percursos e construção de espaços, ao tratar do percurso das artesãs crocheteiras de Jeri, me remeto à concepção de Michel de Certeau, quando ele relata sobre a noção de reapropriar-se de um espaço por intermédio de “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1994). Essas maneiras ou táticas podem transformar o espaço em rotas de prosseguimentos e estabilidades, ou seja, entende-se que os passos das crocheteiras traçam caminhos e pontos que fazem parte de um código social interno do grupo. Esses passos ultrapassam as delimitações e determinações sugeridas pelos gestores e organizações institucionais na vila de Jericoacoara. É uma rota construída que está desviante do padrão, de forma que as crocheteiras vão desenhando pela vila de Jericoacoara seus espaços e lugares, atravessando ruas e deixando suas marcas por onde passam.

Os percursos são, para as artesãs, a forma de definir o espaço delas mesmas dentro da vila. Uma crocheteira que está entre as que não pertencem às associações, declarou em entrevista que precisa caminhar para continuar comercializando, visto que a gestão municipal determinou essa condição para essas mulheres não associadas. Afirma a seguir seu entendimento sobre a condição de

ambulante:

É a gente... onde turistas tão a gente vai passando; eles chamam para ver se agrada. Só que eu tenho um problema na minha perna que eu não posso tá andando muito mais. É por isso que eu fico ali onde você me viu, debaixo daquela planta. Mas o certo, o nosso, é de ficar andando na praia. Não é para ficar parada não! Não querem que a gente fique parada. Eles querem andando, ambulante, aí com a bolsa. É minha filha, a briga está sendo grande aí pela gente. (Crocheteira, ambulante, moradora de Jijoca. Entrevista realizada em 15 de março de 2019).

Para Michel Certeau (1994) “Caminhar é ter falta de lugar”. Ele explana que essas experiências de percursos incertos são uma condição social de traçar outros espaços que não condizem com os determinados. A crocheteira fala acima sobre uma debilidade física que a impede de caminhar e complementa dizendo que busca um espaço seu para comercializar suas peças, mesmo que estar parada em um local seja arriscado diante da imposição de ambulante.

Temos aqui realidades que se concretizam, pois as crocheteiras são mulheres caminhantes, demarcam caminhos e traçam suas próprias rotas e espaços. Há nessas caminhadas estratégias que são próprias do cotidiano delas. Dentre as estratégias que eu observei, cito algumas a seguir.

Em 2018, quando fui convidada pela presidente da associação Mundo Jeri a participar de uma oficina promovida por uma empresa de linhas de lã para as crocheteiras dessa associação, estive por dois dias na comunidade Chapadinha e vivenciei o percurso realizado pelas artesãs. Às sete horas da manhã elas saem de suas casas em busca de conseguir que um dos caminhoneteiros ou bugueiros que passam pela estrada principal da comunidade leve-as até a vila. Quando conseguem este recurso, por vezes, vão acomodadas de forma arriscada, pois não há condução para todas, elas se espremem na caminhonete para que caiba o máximo que conseguirem.

O trajeto realizado pelo condutor não é o mesmo habitualmente utilizado para os turistas, é um caminho mais rápido em tempo decorrido de viagem, porém muito instável e irregular, visto que a travessia é pelas dunas. Uma das crocheteiras que estava comigo nesse dia relatou que aconteceram acidentes com artesãs e exemplificou que algumas se chocam contra ferros do teto das caminhonetes,

golpeando a cabeça ou os braços. Em casos mais graves, são arremessadas dos veículos e sofrem ferimentos. A crocheteira me alertava para que segurasse com força nas barras de apoio.

Nesse mesmo dia, outra estratégia que identifiquei estando com as artesãs são os acordos com lojistas e proprietários de pousadas, que ajudam para que elas tenham menos gastos durante o dia de trabalho. Um proprietário de pousada, amigo de umas artesãs da associação Mundo Jeri, permite que elas comam dos itens do café da manhã oferecido aos hóspedes dele, após o horário estabelecido a estes hóspedes. Esta é uma estratégia muito interessante, pois reflete relações de amizade entre alguns donos de estabelecimentos e as crocheteiras, que precisam de espaços onde possam ter apoio.

Continuando o relato sobre a experiência de estar inserida na rotina das artesãs, observei que os lugares de embarque e desembarque na vila são também próprios destas trabalhadoras. Para retornar à comunidade Chapadinha, as artesãs necessitam organizar-se em grupos de no mínimo seis pessoas para esperar a condução. Quando perguntei a uma delas o porquê desse arranjo, fui informada que boa parte dos caminhoneiros se recusa a levar as crocheteiras para a localidade Chapadinha, isto por causa do mal estado da estrada de acesso para esta comunidade, visto que não é pavimentada.

Outro empecilho citado pelas artesãs é que os motoristas de caminhonetes priorizam os turistas ou trabalhadores que pagam uma taxa maior pelo deslocamento. Devido a isto, as artesãs perceberam que se estão em grupo de seis ou mais, o caminhoneiro faz o trajeto para elas, por que essa é a capacidade do carro e desta forma a viagem compensa os empecilhos, na visão deles.

Ainda no sentido de entender os trajetos e estratégias das artesãs, presenciei uma das crocheteiras com sua filha, uma criança que ficava sentada brincando próxima a mãe e, quando perguntei a elas se sempre traziam os filhos, as mesmas me contaram que as crianças eram levadas por mães artesãs para a vila e este era um hábito das mulheres. De acordo com a fala das crocheteiras, a determinação da fiscalização municipal proibiu esta prática, pois segundo a legislação de crianças e adolescentes³¹ esta era uma prática ilegal caracterizada como trabalho infantil.

Essas formas de traçar caminhos, definir espaços e tecer relações são, segundo Certeau (1994), outras formas de ver Jericoacoara a partir das experiências vivenciadas pelas crocheteiras, como até aqui relatadas; é por meio das caminhadas que elas conhecem a vila e definem seus espaços de socialização e de trabalho de maneiras distintas. O autor afirma no trecho a seguir:

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciadoras. Não seria, portanto, possível reduzi-las ao seu traçado gráfico. (CERTEAU, 1994, p.179)

Esclareço a partir deste ponto das histórias de vida dessas crocheteiras, entendendo que as mesmas são transpassadas pelo fazer artesanal, pois segundo as falas dessas mulheres o aprendizado se dá na infância, seja no decurso de observar as mulheres mais idosas, avós, tias, parentes trabalhando neste ofício, seja no aprendizado direto com a mãe artesã de crochê. As famílias das artesãs estavam envolvidas nas produções e assim suas filhas exerciam trabalhos com crochê, o que era repassado, a técnica também, pelas tias e primas, criando uma rede de relações no intento de produção de produtos, tornando esta prática uma tradição na localidade.

Alguns relatos nas entrevistas trazem tais aspectos de aprendizado familiar que está configurado na vida dessas mulheres. Outro fato citado e que se repete nos relatos é a dificuldade de conseguir recursos como agulha e materiais para o trabalho. Deve-se considerar que estas mulheres eram de famílias de poucos recursos financeiros e que tinham a agricultura de subsistência como principal fonte de recursos de sustento.

A seguir destaco alguns trechos de entrevistas em que as crocheteiras falam sobre o aprendizado do crochê na infância e sobre as etapas vivenciadas ao longo dos anos como artesãs. Dentre as entrevistadas apresento falas de mulheres de diferentes idades para que possamos entender como esta relação da experiência do artesanato está em distintos contextos sociais e faixas etárias.

Quando eu comecei a fazer [crochê] eu tinha uns oito ano dez ano. Minha mãe fazia, minha irmã fazia. Aí quando eu engravidei da mais velha eu tive que trabalhar né. Eu tive que ir pra rua vender. Porque eu tinha que criar a menina sozinha né.

Aí eu tinha que comprar as coisas pra ela. Aí eu fui enfrentar a vida. [...] A pequenininha está começando agora, a de sete anos. Mas a grande já faz peça, já me ajuda. Já vendo crochê delas” (Crocheteira, 36 anos, Entrevista realizada em 31 de outubro de 2018).

Eu aprendi a fazer crochê com cinco anos, com um talo de coqueiro. A minha mãe não tinha condições de comprar uma agulha para mim e eu também não tinha, então eu aprendi, eu fiz a ponta de um palito e comecei sozinha. A minha mãe não sabia fazer, e nem a minhas irmãs e eu aprendi assim olhando os outros. (Crocheteira 40 anos. Entrevista realizada em 15 de março de 2019).

Sete a oito anos, eu lembro que eu fazia muitas florzinha pra colar; aí todo dia nós fazia 100 florzinha, pra... aí era a merenda da escola [risos] 5 reais todo dia; aí a gente não fazia muito crochê, era quando a mãe chegava com uma encomenda pra entregar no outro dia, aí a gente ia e ajudava ela (Crocheteira, 23 anos. Entrevista realizada em 08 de março de 2019).

A minha mãe nunca fez crochê, aliás, nada, ela fiava algodão, ela fiou. O trabalho da minha mãe, ela fiava algodão, trocia corda, só isso, e trabalhava dentro de casa mesmo né. Aí ela me ensinou, a fiar algodão e eu fiei, aí quando eu casei eu afiei uma rede bem feita, foi feito no tear toda fiada pela minha mão, uma rede branca bem bonita de varanda, a coisa mais bonita do mundo! e a minha mãe separou o algodão, separou o saco de algodão, separou o fuso e disse: táqui, isso aqui é pra você fazer uma rede e fiar com as suas mãos e mandar fazer no tear, e pra quando você casar você levar essa rede pra você (Crocheteira, 59 anos. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2018).

Essas mulheres falam sobre a vida e o trabalho, sobre conciliar rotinas entre criar filhos e fazer crochê, casar e os presentes em crochê; a crocheteira mais jovem relata sobre a mãe que, com suas encomendas, necessita desse auxílio da família. Estas falas e suas histórias de vida retratam a conjuntura social em que a mulher está sujeita à divisão de papéis sociais, no âmbito familiar e nas relações de trabalho.

Historicamente a mulher está numa situação onde ocorre uma divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007), ligada ao ambiente doméstico. A associação dos afazeres domésticos, a figura feminina e a conciliação de jornadas duplas e triplas são reflexo de desigualdades de gênero e movimentos feministas

que questionam esta imposição social. As crocheteiras desde muito cedo são imersas no mundo do trabalho, precisam realizar jornadas exaustivas, e assim as gerações perpassam esta condição da mulher crocheteira.

As autoras, Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), esclarecem sobre a divisão sexual do trabalho enquanto uma condição que submete a mulher a uma desigualdade histórica:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). [...] Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p 599)

É imprescindível entender que as crocheteiras são mulheres que têm suas histórias trançadas na rotina do trabalho artesanal, a produção das peças de crochê é no horário em que estão em suas casas com os filhos e companheiros. Para então tratar sobre o último aspecto deste tópico, que é sobre as formas de fazer o crochê e o modo de produzir, temos que levar em consideração estas relações e sociabilidades que ocorrem no seio familiar. A produção das peças de crochê será um meio de envolver mulheres artesãs que não estão diretamente vendendo para turistas em Jericoacoara, mas sim, estão produzindo artesanato para as crocheteiras que se deslocam até a vila. A produção do crochê realizado desde as primeiras peças até os dias atuais é incontável, conforme umas das mulheres, quando lhe perguntei sobre a importância de fazer crochê:

Mais oia nós já fizemo muito crochê no mundo, ainda onti eu tava pensando ali, eu disse: meu Deus se for ajuntar o crochê que nós já fizemo no mundo, olha não tem carro no mundo que carregue, num tem carro no mundo mais que... Porque oia nós já fizemo muito crochê e varanda, e rede, e colcha, caminho de mesa, toalha, porta guardanapo, jogo americano, chapéu e bolsa de crochê, nós num sabe nem o que é que a gente invente mais, (Crocheteira, 59 anos, Realizado em 30. Out.2018).

Cada produto citado pela artesã está exposto nas ruas da vila de Jeri, tanto em locais onde as crocheteiras ficam como em lojas de artigos diversos. Considerando o crochê como uma técnica, Sennett (1943) argumenta que para alcançar a técnica artesanal é necessária uma consecução de tentativas, até chegar à prática, que ele nomeia de endereço certo.

Devemos pensar no endereço certo como uma consecução, e não como um ponto de partida. Para atingir essa meta, o processo de trabalho precisa fazer algo que desagrade à mente muito organizada: conviver temporariamente com a bagunça- passos em falso, começos errados, becos sem saída [...] O desenrolar completo das sessões de prática que aumentam a capacitação é, portanto, este: preparar, conviver com os erros e recuperar a forma. (SENNETT, 1943, p.182)

As crocheteiras relatam sobre esse intenso trabalho de criar e produzir. Para elas o endereço certo é a relação de criar apliques, peças soltas que ao juntar podem formar peças maiores, vestidos, blusas, saídas de praia, e dessa forma elas estão em constante produtividade. A crocheteira da comunidade Chapadinha, integrante da associação Mundo Jeri, explica como se dá o processo de produção e relações interpessoais no cotidiano das artesãs:

Eu tô fazendo, faço biquíni, tem minhas colegas também, que tipo assim, a gente lá cada uma na sua casa, nós temos três, quatro vizinha, que todo mundo se junta pra umas fazer uma aplicação, a outra fazer uma barra de um crochê, a outra faz a blusa e quando é no final do dia, nós tem duas, três peças montada. Eu mesmo, eu vindo trabalhar, e mesmo ela indo trabalhar, quando chegar a parte dela, eu sempre junto a minha parte com a parte dela, ela me compra e eu comprou a peça dela pra montar a minha. É assim, assim o jogo que a gente faz, muita gente pergunta: como é que vocês fazem se todo dia vocês tão aqui? Mas a gente tá aqui todo dia, mas tá aqui todo dia com linha e agulha. A gente tá em casa todo dia com linha e agulha, a hora que a gente tá em casa, a gente está trabalhando! [...] E ainda tem as amigas, as vizinhas, daquelas pessoas que tem criança pequena e que não pode vim [...] E assim, faz duas peças, faz três, elas mandam para cá, faz duas peças, três, elas mandam pra associação, e eu... em casa, a gente faz tudo isso, é uma faz uma peça, outra faz outra, que na hora que a gente trabalha são peças, não com peças inteiras, são todas mais peças trabalhadas, como aplicação, assim, aí a gente junta e pra juntar uma peça, estando a peça pronta, é rapidinho, uma hora, duas horas se eu tiver a aplicação pronta, eu monto um vestido, eu monto uma blusa, eu monto uma saia, e é assim. (Crocheteira, moradora da

comunidade Chapadinha. Entrevista realizada em 29 de julho de 2017).

Ao refletir sobre as práticas artesanais das crocheteiras é possível perceber estes passos da concepção e feitura de uma arte manual. Elas estão a todo tempo buscando novas criações e associando cores e formas para produzir peças atrativas. Neste processo, há uma incansável tentativa de produzir o diferente, a peça mais bonita e as ideias mais comercializáveis. Um exemplo disso foi quando durante uma conversa, enquanto eu estava sentada com as artesãs, uma delas, ao mostrar um vestido longo que em seu comprimento o modelo era diferente dos demais, pois parecia ter camadas e uma modelagem que se assemelhava a vestidos para festas, a crocheteira disse que ali era uma toalha de mesa redonda que elas transformam em vestido. Ou seja, as readaptações e criações acontecem constantemente com o intuito de aperfeiçoar os produtos e comercializá-los.

5.4 O turismo e as mudanças na rotina das crocheteiras

Foram retratadas durante esta monografia as transformações ocorridas na vila de Jericoacoara, sobretudo nas atividades produtivas, desde os primeiros acontecimentos históricos até os dados sobre acontecimentos recentes que eu obtive em período de pesquisa em campo. Neste tópico exponho por meio das falas das artesãs os processos de mudanças que são reflexo deste contexto local sobre as relações e cotidianos das crocheteiras. Em primeiro momento, apresento a situação organizacional das artesãs em três segmentos: duas associações e um grupo de ambulantes. Assim descrevo um pouco da história de cada associação e o processo de cadastramento de ambulantes iniciado no ano de 2017.

Conforme entrevista com a crocheteira representante da associação Mundo Jeri, essa foi fundada no ano de 2008 e teve como primeira presidente, uma nativa³² de Jericoacoara, ela também era proprietária de um restaurante na Vila principal. A presidente ficou na gestão da associação por quatro anos. E ocorreram diversos conflitos nessa gestão e ao final a associação estava quase esvaziada, também devido a uma realocação das crocheteiras para um prédio municipal, o

³² Nativo é um termo dos próprios moradores e trabalhadores na vila de Jericoacoara. Uma autora realizou uma pesquisa sobre estes usos e termos na vila. Ver Freire (2015).

centro de artesanato, distante das ruas de maior fluxo (ver no cap. 2).

No ano de 2013, outra integrante do grupo assume a associação, realizando uma tentativa de reerguer o grupo. Essa nova representante alcançou 18 mulheres e permanece liderando a organização, mesmo que indiretamente, pois de acordo com o regimento, não pode ultrapassar quatro anos o mandato de uma presidente. A artesã assumiu em 2013 e foi substituída por meio de eleição em 2017. Conversei com esta crocheteira e ela explicou como foi o processo no período:

O prefeito era o espanhol [Sérgio Herrero] e ele cedeu para gente. Ele disse tem um ponto na rua principal que a gente tava lá no centro de artesanato com as coisas expostas lá, lá era nossa sede, a gente tava lá só que as coisas à noite descia e amanhecia; aí não se vendia nenhuma peça, fazia reunião com caminhonete, com bugueiro; nunca passava ninguém! Então a gente disse: a gente vai montar uma associação, e a gente vai ter que alugar um ponto central e poder vender as peças da gente. Essa gestão que já tava no final, ele foi e disse que tinha o ponto lá que era antiga Teleceará, que se a gente... a gente podia mudar pra lá; a gente mesmo arrumasse; nós pegamos, pagamos e se juntamos. E não era eu na gestão, mas eu já fazia parte da associação! Do grupo! Então a gente pagou pra colocar, pra derrubar as paredes; pagou pra colocar forro, pra fazer um banheiro; tudo isso a gente fez lá nesse. Do nosso jeito que a gente não podia fazer coisa grande porque a gente não tinha dinheiro. Então, a gente fez desse jeito né! aí a gente passou; passamos dois anos nesse ponto assim. Com dois anos a associação não tava indo muito bem, não tava tendo lucro. A gestão[da associação] não tava de administrando muito bem. Ela abandonou, ela abandonou e disse pronto eu não vou mais fazer parte disso, se vocês quiserem levar lá na associação pra frente, vocês vão juntar alguém e levar Associação porque eu tô saindo fora. [...]Então o prefeito [Araújo] cedeu pra gente com dois anos. A gente que tava lá. Ele [Lindomar] pediu o ponto de volta, alegando que precisava do ponto pra montar uma subprefeitura, um ponto que era para ser de informação turística. Então a gente precisava ele precisava do ponto então eu falei: e aí e nós vamos para onde para Rua!? ele disse eu não sei para onde que vocês vão, com essas ditas palavras: não sei pra onde que vocês vão, mas eu preciso do ponto daqui; mandou um papelzinho lá avisando que queria independente de quem seja ou não que esteja lá. [o prefeito disse] E se vocês não tirarem as peças, não desocuparem vai vir uma polícia, duas ou vinte! e tira as coisas de vocês porque eu tô precisando! E que eu fiz?! Como eu já tava na frente, eu falei para as meninas: pois nós vamos alugar um ponto e vamos continuar, nós não vamos desistir da associação, e assim eu fiz. Eu subi rua e descí rua, subi rua e descí rua, e achei esse ponto aqui [refere-se à loja];

liguei pra todo mundo: aqui eu achei um ponto! A nossa despesa vai dar 2200, vamos. E a gente passou dois anos e quatro meses aqui. Todo mês pagando aluguel, água, luz e toda despesa; pagando e agora com essa gestão que entrou, [Lindbergh] no início quando ele se candidatou se, ele pediu o que como toda gestão, todo prefeito pede: que eu posso ajudar? aí eu falei para ele: prefeito, a única coisa que eu quero, que você ajude nós, é que se você ganhar, você dá o pontinho que era da gente, pra gente voltar de novo, é a única coisa que eu queria. E graças a Deus deu certo que hoje estamos ali [ela se emociona e chora]. (Crocheteira, moradora da comunidade Chapadinha. Realizado em 29. jul.2017).

A crocheteira decide reerguer a associação, percebe-se que há conflitos de interesses entre o desejo das crocheteiras de ter seu espaço definido na vila e os interesses dos gestores municipais. Estavam também ocorrendo na vila as negociações quanto à primeira iniciativa de Parceria Público Privada no Parque Nacional de Jericoacoara. Deve-se então atentar que as crocheteiras não pararam de comercializar nas ruas da vila por motivo de não estarem associadas ou por impedimentos e conflitos. Contudo, foi a partir do movimento de fechamento do parque (atualmente trata-se de uma Concessão), repercutindo em regras de acesso a vila, que diversos segmentos e grupos envolvidos de trabalhadores começaram a se organizar em associações e cooperativas.

Entretanto, pretendo ter atenção aos acontecimentos da negociação entre artesãs e gestões municipais de Jijoca para estabelecer o local de venda das crocheteiras. A associação Mundo Jeri recebeu a permissão de uso de um prédio da prefeitura municipal na primeira iniciativa de associação. Contudo, no ano de 2011, a gestão municipal do período retirou esta permissão e as crocheteiras passaram a locar um ponto comercial e a custear o aluguel de tal imóvel. Ao assumir o atual gestor do município, Lindbergh Martins, este cedeu novamente o prédio anterior na rua principal e emitiu decreto municipal formalizando o feito.

Estas questões trazem as negociações e conflitos de interesses políticos que influenciam no cotidiano de trabalho das crocheteiras. O surgimento da associação Crochê Jeri, fundada em julho de 2017, coincide com o período em que a primeira associação está recebendo o benefício de prédio na rua principal da vila. Estes eventos são parte de um movimento de interesses que emerge com a possibilidade de um fechamento do Parque e de uma reconfiguração dos espaços em Jericoacoara.

No mês de julho, a associação de crocheteiras Crochê Jeri estava organizando os trâmites para regularizar e registrar a sua fundação, ocorrendo de fato ao final daquele ano. Sobre a associação Crochê Jeri, infelizmente não foi possível conseguir entrevistas sobre este processo de criação. Uma das integrantes relatou sobre sua inserção nesta associação:

A nossa é nova. Faz dois anos ou três. Porque a que eu tô não é a Mundo Jeri das meninas. Porque na época eu entrei. Aí como a cabeça era meio fraca, não entendia bem, aí não quis. Mas agora não. Agora vou sair mais não.[...] Faz diferença né. Porque fica mais fácil da gente consegui mais alguma coisa né. É assim, aparece curso, a gente pode participar. Facilita mais pra gente né. E eu achei melhor com a associação. Que já me ajuda um pouco né. Que já deixa as minhas pecinhas na loja. Por mês eu tenho aquele trocadim. Aí eu fico me virando na praia né.(Crocheteira, moradora da Chapadinha, Realizado em 30.out.2018)

As crocheteiras associadas estavam vez ou outra relatando sobre a condição de associar-se e ter acesso a cursos e capacitações. Para as artesãs, estas capacitações produzem distinções entre elas, e por consequência deste processo de separação, surgem conflitos nas relações interpessoais no cotidiano da vila.

O grupo que mais sente esta discriminação é a categoria não associada, que a prefeitura com sucessivas fiscalizações no período entre 2017 e 2018 cadastrou como ambulantes. A associação Crochê Jeri tinha a pretensão de incluir todas as crocheteiras que pretendessem se engajar na iniciativa. Todavia, para manter-se associada, era necessário incumbir-se das despesas que a associação exige, assim como as regras estabelecidas. Este foi o motivo da desistência de muitas mulheres que foram enquadradas como ambulante. A fiscal responsável pelos/as artesãs/as de Jericoacoara relatou em entrevista os acontecimentos que definiram esta categoria. Exponho um trecho a seguir:

O primeiro o diagnóstico foi feito da seguinte maneira: foram identificadas todas as pessoas que estavam na Jericoacoara inteirinha, seja em porta de pousada, seja na...; foram várias ações, noite e dia, tarde, foram na praia, na praça, em frente às pousadas que elas também vendem né; então primeiro momento a gente identificou todo mundo, pra ver quem era associado, quem realmente morava aqui, quem realmente... vendia artesanato, não revenda, aí assim, a gente gerou esse cadastro

de ambulantes de Jericoacoara no geral, tantos fixos como os que ficavam andando. Aí a coisa básica: os fiscais batia a foto, geralmente com você perto, pra identificar o teu produto, pronto, isso foi o primeiro momento, certo. O segundo momento, a gente notificou, aliás, dentro desse primeiro momento a gente notificou todos, tirava a foto, identificavam aonde é que eles estava, que ponto eles estava; aí a gente automaticamente já entregava notificação, e dava o prazo. Geralmente a gente dá cinco dias úteis pra que eles comparecessem na infraestrutura que era onde foi feito o cadastro geral. (Entrevista com fiscal da Secretaria de Turismo de Jijoca de Jericoacoara. Realizada em 18 de julho de 2018).

As ambulantes, crocheteiras, trabalham nas ruas ora caminhando na orla ou em pontos como algumas entradas de pousadas ou próximo ao acesso à praia principal. Em entrevista com a crocheteira que pertence a essa classe de trabalhadoras, a mesma relatou os problemas que enfrenta com os lojistas e também com as demais artesãs, pois entre os conflitos mais recorrentes está a concorrência na venda de produtos aos turistas. A crocheteira afirma que os lojistas reclamam para o órgão fiscalizador da prefeitura se algumas das artesãs parar em frente a algum estabelecimento. Outra reivindicação recorrente é sobre a dificuldade com os transportes de caminhoneiros. Atualmente, há o banner com os valores dos trajetos para cada público, são eles: turista, morador e trabalhador. Os valores são 25 reais, 10 reais e 5 reais, respectivamente. Todavia, como citado anteriormente, os caminhoneiros priorizam os turistas e assim as trabalhadoras não tem certeza de quanto tempo terão que esperar para conseguir retornar às suas casas.

Dentre as mudanças e regras concretizadas pelo órgão fiscalizador da prefeitura, sobre a conduta das ambulantes e crocheteiras que trabalham nas ruas de Jericoacoara, as regras que mais têm causado transtorno são referentes ao horário definido para as mulheres artesãs venderem na vila. Uma das crocheteiras relata a respeito que:

No tempo que eu entrei; o tempo que eu entrei pra vender, desde o tempo que eu entrei que eu só ouvi dizer que daqui ia chegar um tempo aí que não vai ter nenhuma crocheteira de vocês aí não, vai ter regra! Vai chegar fiscal, para esse pessoal que tem demais né! [as pessoas diziam] É de ter? Isso aí não acontece não! Foi passando os anos, foi passando os anos, tá aí chegou, pra poder deixar a gente... Por exemplo, se eu for de manhã, eu trabalho de noite... Se eu for de manhã; eu não

posso ir de manhã! Por exemplo, eu quero ir de manhã hoje, eu não fui de tarde né, eu não fui hoje de noite, aí eu quero ir de manhã. Eu vou de manhã pra de noite não ir? Pronto né! Eu não posso ir! (Crocheteira 40 anos. Entrevista realizada em 15 de março de 2019).

Para a crocheteira a imposição do horário de vendas é o indício de uma possível proibição de que elas possam posteriormente continuar vendendo seus produtos na vila. São indícios de mudanças em regras de acesso e uso dos espaços que para ela culminarão no impedimento de comercializar na vila, pois algumas artesãs que antes comercializavam, atualmente, por não pertencerem ao cadastro municipal, são proibidas de vender suas peças, restando a essas mulheres revender às crocheteiras autorizadas.

Para concluir os aspectos que evidenciam as transformações frente ao fenômeno de Turismo que modifica a vila e os usos dos espaços para as artesãs, ressalto que a questão atual que está em discussão em negociações políticas, é a concessão do Parque Nacional para uma empresa privada, esta concessão altera a dinâmica da vila e, por conseguinte, a dinâmica de trabalho das crocheteiras.

Quando questionei em entrevistas as artesãs sobre como elas veem esse processo, em maioria de respostas elas transmitem desconhecer o assunto ou ter pouco conhecimento na prática sobre o processo. As respostas das crocheteiras estão entre um total desconhecimento do fato ou uma compreensão, a partir de boatos, de uma proibição do acesso delas à vila. A seguir exponho trechos em que estas conclusões são percebidas:

Minha filha eu não sei nem explicar como é que vai ser!
(Crocheteira, 59 anos. Entrevista realizada em 30 de outubro de 2018).

Tem gente que fala que vai ser pior pra nós, que o pessoal vai deixar de vim, não sei o que, mas acho que não vai não. Eu acho que vem mulher, o pessoal gosta muito de Jeri. Uns diz que vai ser melhor porque vai verificar as pessoas tudim que entra né, o que vem trazeno. Eu gosto de Jeri. (Crocheteira de Jericoacoara, moradora da comunidade Chapadinha. Entrevista realizada em 31 de outubro de 2018)

A questão do fechamento do parque, eu sou... Assim, não sou favorável. Eu não acho que seja uma coisa, uma... Que seja bom para gente que não mora aqui dentro, que mora do lado

né. Eu não acho que seja favorável, porque assim, é o que eu vejo que vai exigir muito da questão financeira. Porque assim, quando a gente ganhar pouco, tem que pagar taxa, tem que pagar alguma coisa pra; como fala; não sei como é que funciona isso; como diz. Eu não sou favorável. (Crocheteira, 41 anos, moradora da comunidade Chapadinha. Entrevista realizada em 29 de julho de 2017).

O Desconhecer sobre essa questão política é uma maneira de fragilizar essas mulheres artesãs nas disputas de poder sobre a vila de Jericoacoara, principalmente se considerarmos que as disputas internas no grupo de artesãs, as discriminações sobre ser ou não associada, estarem capacitadas ou terem acesso à loja ou à rua são parte de um enfraquecimento do grupo em sua totalidade que pode repercutir na exclusão dessa categoria do modelo de turismo massivo em que a vila de Jericoacoara está inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia busquei apreender como os efeitos do turismo podem influenciar e transformar as práticas artesanais das trabalhadoras de crochê na Vila de Jericoacoara- Ceará, que são conhecidas como crocheteiras.

Para isto, realizei uma pesquisa qualitativa, no período de 2017 a 2019, em que entrevistei moradores da Vila, representantes da gestão municipal de Jijoca e mulheres artesãs moradoras das localidades próximas a Jericoacoara. As crocheteiras que entrevistei fazem parte de três segmentos distintos de organização: A associação Mundo Jeri, A associação Crochê Jeri e as crocheteiras ambulantes. Estas mulheres relataram sobre as suas rotinas e as dificuldades de percursos, relações interpessoais, formas de produzir que estavam acontecendo juntamente a regras e usos dos espaços em Jericoacoara. No período em que não estava na vila, efetuei um levantamento de notícias de periódicos – jornais, revistas impressas e sítios de internet –, somando a estes também recolhi documentos oficiais, tais como leis e decretos sobre os acontecimentos que influenciavam nas mudanças estruturais, políticas e econômicas que ocorriam na localidade.

Por meio dos dados apresentados, sobre a expansão do turismo na vila e sobre o desenvolvimento das atividades produtivas, iniciando com a pesca nas décadas de 1960 a 1970, percebi que houve uma redução dessa atividade econômica frente à emergência do turismo, a partir de 1980.

As informações mostraram os efeitos da expansão do turismo em Jericoacoara. Dentre elas, a reordenação espacial de Jericoacoara em que houve um aumento populacional sem a mudança do limite geográfico da Vila, o que resultou em dificuldades de abastecimento na localidade. Outro efeito foi a efetivação de mudanças no gerenciamento da vila, por razões ambientais, segundo os gestores públicos, que resultaram nas modificações das formas de produção artesanal, dentre estas, os trabalhos da crocheteiras.

Falar dessas mulheres artesãs é poder assim conhecer seus percursos de trabalho, e compreender o que esses percursos significam para elas, visto que, a grande maioria delas reside nas localidades dos arredores de Jericoacoara, como a localidade Chapadinha. Foi possível entender as caminhadas que elas realizaram para a vila, o reconhecimento do fluxo turístico ali e então a ideia de transformar a fabricação do crochê, inicialmente redes e produtos de uso doméstico, para produtos que alcançassem a preferência dos turistas, desde a década de 1980 até os dias

atuais.

As histórias do cotidiano das artesãs são relatos de um ir e vir com produtos de suas casas até a vila e que acontecem em meio às transformações espaciais. O trajeto das crocheteiras em Jericoacoara apresenta marcas e outras formas de fazer o espaço. A vila de Jericoacoara pelo olhar das artesãs toma formas distintas da convencionalmente conhecida por turistas.

Também identifiquei ao longo da pesquisa, as estratégias e modos de organização que estão em pequenos arranjos cotidianos, desde as relações de amizade com proprietários de pousadas, acordos de usos dos espaços onde elas podem comercializar e as táticas de produzir o crochê entre os familiares. Há também uma distinção entre as mulheres que produzem seus artigos e podem comercializar em Jericoacoara e as mulheres que somente produzem. Esta última estratégia, é reflexo das mudanças que a gestão municipal implantou no período em que eu estive realizando a pesquisa.

Percebe-se também que a condição de mulher crocheteira é permeada por uma exaustiva rotina de junção de tarefas: ser profissional e cumprir outros afazeres domésticos, considerando a discussão de divisão sexual do trabalho que apresentei durante esta monografia.

Por conseguinte, todos os fatos e situações apresentados são relacionados a conjuntura social acarretada pelo turismo em Jericoacoara. A consequência dessas mudanças no cotidiano das crocheteiras que comercializam na vila, está presente nas regras e normativas que são impostas a elas, seja na determinação do horário que podem estar vendendo seus produtos, seja nas dificuldades enfrentadas diariamente para conseguir transporte para o deslocamento até a vila, seja nas relações de oposição entre ser ou não associada, e por fim a condição de estar dentro dos parâmetros impostos para comercializar, como critérios determinados pela gestão municipal que identificam essas crocheteiras, mesmo que essa regra não traga a garantia de um lugar dessas artesãs dentro na vila.

Diante dos dados apresentados e no decorrer das questões expostas, concluo que essas transformações direcionam para o entendimento que as artesãs estão sofrendo imposições ao longo de um processo de mudanças que o turismo promove no cotidiano dos trabalhadores de diversas categorias na vila de Jericoacoara. Considero que esta monografia traz a visão de uma categoria de trabalhadores que fazem parte de uma classe ampla, ou seja: o trabalho de

ambulantes em Jericoacoara e as transformações que estão alterando o cotidiano de trabalhadores naquele local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÈ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: Ed. UFAL, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. 29 nov. 2016, Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo – PRODETUR. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/programas/5066-prodetur.html>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo. 29 maio 2017. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Livro_Regionalizaxo.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2019.

CARDOSO, Flávio Teles. Profissionalização do artesanato e identidade do artesão: pensando a configuração do campo do artesanato no Ceará. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 27, n. 2, p. 411-424, jul/dez. 2012.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIEGUES. Antonio Carlos. A Sócio-Antropologia das comunidade de pescadores marítimos no Brasil; etnográfica. Vol III (2), 1999. p. 361-375.

FARRAJOTA, Solange Maria da Conceição dos; BEZERRA, Roselane Gomes. Impactos das políticas públicas de turismo de regularização fundiária em Jericoacoara - Ceará. *Conhecer: Debate Entre O Público E O Privado*, 8(21), 5-23. (2018).

Fonteles. José Osmar. Jericoacoara: turismo e sociedade. Sobral, Ceará: Edições UVA, 2000

FREIRE, Rebeca Matos. Além do “paraíso”: estudo sobre a configuração da cadeia produtiva do turismo em Jericoacoara, Ceará. Monografia. UFC. 2015

FUENTES, Ana García de, GUARDADO, Gustavo Marín; REYES, Irma Gabriela Fierro. Turismo de hacienda, trabajo femenino y transformaciones locales. El caso de los talleres artesanales de la fundación Haciendas del mundo Maya. Península. Vol.IX, núm.1. pag 81-104.2014.

HANNERZ, Ulf. Conexiones transnacionales: cultura, gente, lugares. Madrid: Ediciones. Cátedra, 1998

BARROSO Hayeska Costa; FROTA, Maria Helena de Paula. A TRAMA DO TRABALHO ARTESANAL PARA MULHERES CEARENSES: DESVENDANDO CÓDIGOS DE GÊNERO. *Fazendo Gênero 9; Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*; 23 a 26 de agosto de 2010

HIRATA, Helena. e KERGOAT, Daniéle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**. [online]. v. 37, nº 132, p. 596-609, set./dez. 2007.

J. Georgen (org.). Área de Proteção Ambiental “Jericoacoara”: contribuição ao estudo de bases e perspectivas para o desenvolvimento integrado. PRINTER/CE, UECE/NUGA, SUDEC/DRN, PRMA/DF, PMA/CE, CEDCT/CE, GTZ. Fortaleza, 1985.

LIMA, Luiz Cruz; SILVA, Ângela Maria Falcão da. O local globalizado pelo turismo: Jeri e Canoa no final do século XX. Ed UECE, 2004.

LIMA, Marlyana. Em seis meses, Jeri se torna um dos destinos mais procurados da Azul Viagens. **Diário do Nordeste**, Editorial *on line*, 24 jan. 2018. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/em-seis-meses-jeri-se-torna-um-dos-destinos-mais-procurados-da-azul-viagens-1.1884463>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

LOPEZ SANTILLÁN, Àngeles; MARÍN GUARDADO, Gustavo (2010) “Turismo, capitalismo y producción de lo exótico. Una perspectiva crítica para el estudio de la mercantilización del espacio y la cultura”. *Relaciones*, 123, vol. XXXI, p.219-258.

MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. Parque Nacional de Jericoacoara: Trilhas para a sustentabilidade. Edições UFC, Fortaleza.2011.

MOLINA, Fábio Silveira. (2007). *A produção do espaço pelo e para o turismo: o caso da praia de Jericoacoara, Ceará, Brasil*. Recuperado de <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/25.pdf>

NOGUEIRA, Denis. Silva. *A produção do espetáculo em Jericoacoara-CE* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP(2016)
Revista Instituto do Ceará 1980

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Olhar, ouvir, escrever. In. Aula Inaugural. IFCH-UNICAMP, abril, p. 5-27, 1994.

RODRIGUES, L. C.. Turismo em espaços urbanos: processos de turistificação no Nordeste brasileiro e no Caribe mexicano. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 2015(5), 81-104. (2015, abril)

_____, L.C. Antropologia e políticas públicas: incentivo ao turismo no extremo Oeste da costa cearense e impactos sobre populações locais. Projeto de Pesquisa apresentado ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, 2008, inédito.

_____, Lea Carvalho. Antropologia e políticas públicas de incentivo ao turismo: paradigmas e proposições teórico-metodológicas para esse diálogo. In:_____. RODRIGUES, Lea; MORENO, Isidoro; RUBEN, Guilherme; PALENZUELA, Pablo (Orgs.). Trabalho, políticas públicas e estratégias empresariais. Fortaleza: MAPP/Expressão Gráfica e Editora, 2010.

SENNETT, Richard. O artífice. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. : 68 a 79; 19 a 26; 176 a 199.

SILVA, Elisama de Moraes. Uma produção artística contemporânea em diálogo com o crochê artesanal. 2016. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Departamento de Artes, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. Quando a Cultura entra na moda: A mercantilização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape. Editora UFC.2011.

SILVA, Márcia Alves Da. *Abordagem sobre o trabalho artesanal em histórias de vidas de mulheres*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 247-260, jan./mar. 2015. Editora UFPR.

URRY, J. O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Trad. Carlos E. M. de Moura. São Paulo: Studio Nobel. 1996.

VERGNE, Gisela de Moraes. Tecendo memórias no ar: A atividade sequencial com fios como espaço de metáfora e subjetividade. Niterói, 2011.65p. Monografia, Universidade Candido Mendes, 2011.

MILLS, Charles Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

ANEXO

ANEXO A – MAPA COMPLETO JERICOACOARA

| QUADRO DE ENTREVISTADOS | | | | | |
|-------------------------|--|--------|------------------|--|--|
| | CATEGORIA ^{33*} | SEXO | IDADE | DADOS SOBRE DOMICÍLIO | OBSERVAÇÕES ESPECÍFICAS |
| 1 | PESCADOR | HOMEM | 82 | NOVA JERI/ JERICOACOARA | |
| 2 | PESCADOR | HOMEM | 68 | NOVA JERI/ JERICOACOARA | |
| 3 | COMERCIANTE | MULHER | NÃO INFORMADO | RUA SÃO FRANSCISCO/ JERICOACOARA | INTEGRANTE DA ASSOCIAÇÃO DE EMPRESÁRIOS EU AMO JERI |
| 4 | GERENTE DE POUSADA | HOMEM | NÃO INFORMADO | RUA DO FORRÓ/ JERICOACOARA | |
| 5 | FISCAL DA SECRETARIA DE TURISMO DE JIJOCA | MULHER | NÃO INFORMADO | NÃO INFORMADO | ENTREVISTA REALIZADA NA SECRETARIA DE TURISMO |
| 6 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | 59 | CHAPADINHA /JIJOCA | ASSOCIADA CROCHÊ JERI |
| 7 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | 41 | CHAPADINHA /JIJOCA | ASSOCIADA MUNDO JERI |
| 8 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | NÃO INFORMADO | CHAPADINHA /JIJOCA | ASSOCIADA MUNDO JERI |
| 9 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | 36 | CHAPADINHA /JIJOCA | ASSOCIADA CROCHÊ JERI |
| 10 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | 40 | CENTRO /JIJOCA | AMBULANTE |
| 11 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | 23 | CHAPADINHA /JIJOCA | ASSOCIADA MUNDO JERI |
| 12 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | NÃO INFORMADO | CENTRO /JIJOCA | AMBULANTE |
| 13 | ARTESÃ DE CROCHÊ | MULHER | NÃO INFORMADO | CHAPADINHA /JIJOCA | AMBULANTE |

*

³³ Utilizo a categoria em que cada entrevistado pertence para não expor nomes, medida que está de acordo com as normas éticas da Associação Brasileira de Antropologia